

EDITORIAL

Reencontros Marcados

Nos últimos dois anos fomos forçadamente impedidos de realizar encontros presenciais devido à pandemia da Covid-19. Durante este período tivemos que nos reinventar e, bem ou mal, aprendemos a lidar com determinados meios de comunicação que muitos de nós nem ao menos tínhamos ouvido falar. *Google Meet, Zoom, Teams* e outras plataformas passaram a fazer parte do nosso cotidiano e nos ajudaram a manter em dia nossas atividades de trabalho, sociais e alguma proximidade com nossos entes queridos. Ainda que vitalmente, conseguimos preservar alguma atividade nos nossos grupos, mas, é inegável que, por mais que os contatos on-line aparentem ser mais práticos, há limites nesse tipo de relação. São espaços onde as trocas tendem a ser mais rápidas, porém sem profundidade. A verdade é que nós ansiamos por estar juntos, presencialmente. Que falta faz um abraço! Telas são ótimas para ver filmes e séries, mas nem tanto para nosso trabalho e interação. Quebram o galho, mas não substituem o contato *tête-à-tête*.

Graças a Deus e à ciência, temos conseguido passar por este período sombrio, vencendo a resistência dos negacionistas e o próprio vírus. Na PBCM, aos poucos temos nos reencontrado. Em abril fizemos a Assembleia Provincial, depois disso já houve o Simpósio de Comunicadores Vicentinos, o

Encontro de leigos próximos ao nosso carisma, reuniões diversas da Família Vicentina, todos presenciais e contando com pessoas de diversas regiões do país. O Informativo São Vicente 319 fala desses e de outros reencontros. Mais do que os temas tratados, as propostas feitas e os compromissos assumidos, esses eventos presenciais serviram para nos reaproximar enquanto “amigos que se querem bem”, por meio do calor humano do qual tanto sentimos falta.

E vem muito mais por aí: Assembleia Geral, Missões Populares, encontros provinciais... Ainda que marcados pela tristeza dos milhões de mortos mundo afora, recuperamos alguma alegria ao podermos, enfim, estarmos juntos novamente. Termina este editorial com o famoso preço do Encontro Marcado, de Fernando Sabino:

“De tudo, ficaram três coisas: a certeza de que ele estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo. Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sono uma ponte, da procura um encontro”.

Boa leitura e bons reencontros para todos!

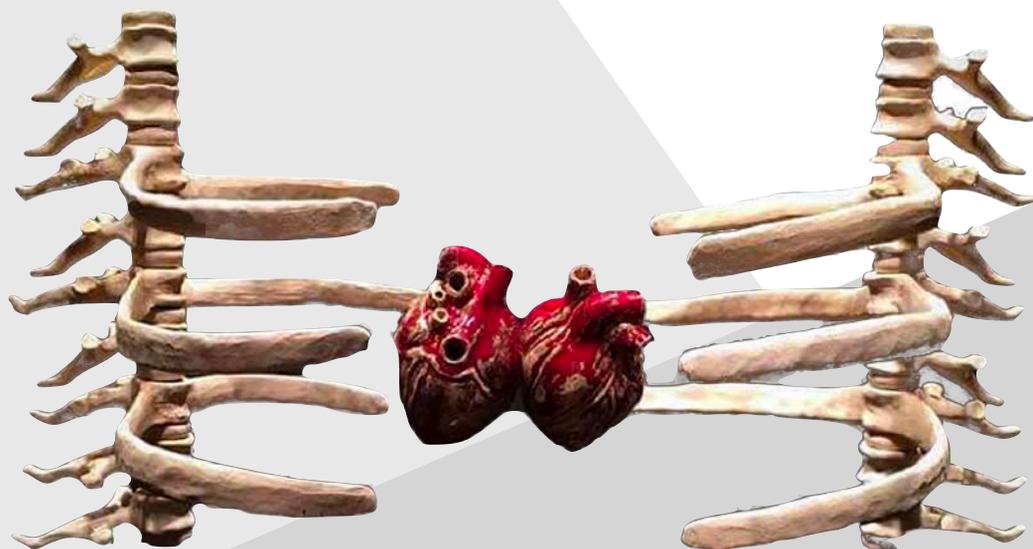


Ilustração: Luna Lu
"Anatomia de um abraço"

SUMÁRIO



Província Brasileira da
Congregação da Missão

Palavra do Visitador | pág. 4

Em tempos de Assembleia Geral...
Pe. Eli Chaves dos Santos, CM

Voz da Igreja | pág. 6

Querida Amazônia
Diác. Cléber Teodósio, CM

Cotidiano Provincial | pág. 8

Simpósio Provincial de Comunicadores Vicentinos
Sacha Leite

Artigo | pág. 12

Língua portuguesa, instrumento de comunicação oral e escrita
Mariano Lopes

Família Vicentina | pág. 14

Encontro de leigas e leigos ligados ao carisma vicentino
Daniel Souza

Obra em Destaque | pág. 16

Curato Nossa Senhora das Graças
Pe. Hélio Maia, CM, Sem. Ramon Aurélio, CM, Jociane Silva

Espaço dos Seminaristas | Página 20

Novas experiências de formação, durante a pandemia
Sem. Leonardo Paredes de Almeida, CM

Pastoral Vocacional | pág. 22

Juventudes, metaverso e vocação
Pe. Denílson Matias, CM

Artigo II | pág. 24

Quarenta anos da gravação da Missa dos Quilombos
Pe. Luiz Roberto Lemos do Prado, CM

Pastoral Vocacional II | pág. 27

9º Interprovincial do SAVV
Diác. Allan Júnio Ferreira, CM

Cultura | pág. 28

O incêndio do Caraça, uma versão fictícia
José Pedro Araújo

Notícias da PBCM | pág. 30

Da redação

EXPEDIENTE

ISV Nº 319

INFORMATIVO SÃO VICENTE é uma publicação trimestral
da Província Brasileira da Congregação da Missão
ISSN 2596-2132

Direção Provincial 2020-2024

Visitador: Pe. Eli Chaves dos Santos, CM

Conselheiros: Pe. Agnaldo Aparecido de Paula, CM | Pe.
Emanoel Bedê Bertunes, CM | Ir. Adriano Ferreira Silva, CM
Pe. Gentil José Soares da Silva, CM

Redação

Editor: Ir. Adriano Ferreira Silva, CM

Jornalista Responsável: Sacha Leite MTB 30383/RJ

Colaboraram nesta edição

Diác. Allan Ferreira | Diác. Cléber Teodósio | Daniel Souza
Pe. Denílson Matias | Pe. Hélio Maia | José Pedro Araújo
Sem. Leonardo Paredes | Pe. Luiz Roberto Prado
Jociane Silva | Sem. Ramon Aurélio

Revisão

Sacha Leite

Impressão e acabamento

Gráfica Printi

Site

pbcm.org.br/informativo

Contato da Redação

informativo@pbcm.org.br

Tel: (21) 3826-1431

Correspondência

Av. Almirante Barroso, 91 sl. 914
Centro Rio de Janeiro 20031-916

Tiragem desta edição

300 exemplares

Edição Fechada 24/06/2022

As matérias e artigos assinados são de responsabilidade de seus autores, não expressando, necessariamente, a opinião dos editores do Informativo São Vicente. Desde já, pedimos desculpas por possíveis equívocos ou imprecisões que o bondoso leitor relevará e corrigirá.

Pe. Eli Chaves dos Santos, CM

Em tempos de Assembleia Geral...

Revitalizar nossa identidade à luz dos tempos atuais

Os tempos mudam... antigas e novas pobreza continuam a nos desafiar... e a Congregação da Missão é chamada a continuar sua caminhada missionária, buscando se renovar, discernir e responder os apelos de Deus, na busca de fidelidade e fecundidade em sua missão de evangelização e formação em favor dos mais pobres!

De 27 de junho a 15 de julho, em Roma, a Congregação da Missão realiza sua 43ª Assembleia Geral. Com o objetivo de *“Revitalizar nossa identidade ao início do quinto centenário da Congregação da Missão”*, a Assembleia tem a difícil tarefa de ajudar os mais de 3.000 missionários da Congregação da Missão, presentes em realidades diversas de 96 diferentes países, a construir uma identidade aberta, dialogal e interativa, a partir dos eixos de sua vocação: a centralidade de Cristo evangelizador dos pobres; a destinação aos pobres; a vida e serviço comunitário na evangelização dos mais necessitados e na formação do clero e leigos na e para a caridade missionária.

A identidade de uma congregação é a manifestação visível e histórica do que a constitui essencialmente. A identidade nasce, se desenvolve e se transforma dentro do caminhar histórico de vivência do carisma, processando-o na saudável tensão entre a fidelidade à herança carismática recebida de seu fundador e a criatividade na ação de assimilação e enfrentamento dos desafios históricos.

Na atual Assembleia, a Congregação da Missão continua o esforço que vem desenvolvendo em suas

últimas assembleias. Com toda a Vida Consagrada, participa do movimento, que surgiu desde a realização do Concílio Vaticano II, de profundo e sofrido processo de redescobrimto e renovação de sua identidade. Todo este processo acontece na interação dos apelos e valores evangélicos e a escuta e acolhida da urgência dos tempos e dos apelos que vêm do mundo dos pobres.

Como todo processo, esse caminho significa desconstrução de uma determinada identidade que já não responde às novas realidades vividas e a necessidade de, simultaneamente, ensaiar a construção de uma nova compreensão e novas formas de vida e ação missionária. Todo este propósito constitui uma tarefa que necessita ser bem conduzida e levada adiante com o devido vigor, para não cair nos perigos e armadilhas que podem pôr em risco o processo de revitalização identitária, minando seus fundamentos e estreitando seus horizontes.

Nestes tempos em que toda a Igreja é convidada a colocar-se em saída, num caminhar sinodal de conversão missionária, possa a 43ª Assembleia Geral ajudar a Congregação da Missão a melhor dialogar com os pobres, escutar

mais seus clamores e discernir caminhos novos de missão e caridade, com um estilo de vida e trabalho renovado, mais solidário com os gritos dos sofridos e necessitados e impregnado da alegria e força do Espírito do Senhor que nos envia a evangelizar os pobres!... ■

A identidade de uma congregação é a manifestação visível e histórica do que a constitui essencialmente. A identidade nasce, se desenvolve e se transforma dentro do caminhar histórico de vivência do carisma, processando-o na saudável tensão entre a fidelidade à herança carismática recebida de seu fundador e a criatividade na ação de assimilação e enfrentamento dos desafios históricos.

ORAÇÃO PELA 43ª. ASSEMBLEIA GERAL DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO

Deus e Pai misericordioso, enviaste teu Filho como Salvador do mundo e evangelizador dos pobres. Escolheste-nos para anunciar a Boa Nova aos pobres, nossos mestres e senhores. Rendemos graças por nos teres chamado a esta vocação missionária.

Na alvorada do quinto século de nossa Pequena Companhia e neste momento da nossa 43ª Assembleia Geral, pedimos que nos envies a luz do Espírito Santo, para que fortaleça nossas fragilidades e nos faça dóceis à tua inspiração. Que possamos experimentar, mais uma vez, o ardor e o zelo missionário de São Vicente e de nossos primeiros coirmãos.

Que aprofundemos a nossa relação contigo por meio da vida de oração, escutando o clamor dos pobres e as necessidades da Igreja. Dá-nos a graça de ser fiéis aos Conselhos Evangélicos e às Cinco Virtudes que caracterizam o espírito de nossa Companhia.

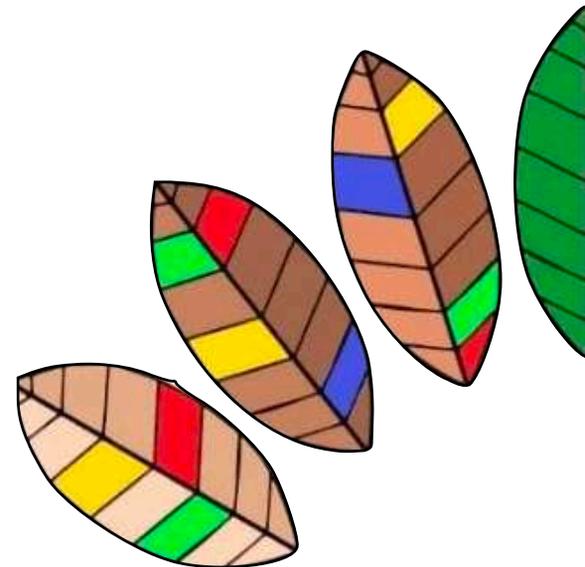
Que o exemplo da Santíssima Trindade nos inspire a trabalhar juntos, como comunidades de "amigos que se querem bem". Que neste momento privilegiado de nossa Assembleia, renovemos o espírito de alegria, conversão, diálogo e unidade entre nós.

Que possamos ser testemunhas proféticas do teu Evangelho ao mundo, especialmente junto aos pobres mais abandonados das periferias. Renova o espírito de colaboração entre os membros da Família Vicentina.

Maria, nossa Mãe e Senhora da Medalha Milagrosa, intercede por nós e concede-nos teu amor e proteção. Inspira-nos a imitar-te como seguidores de teu filho Jesus. Todos os santos e beatos vicentinos, roguem para que vivamos nossa vocação missionária com fidelidade e alegria, por Cristo Nosso Senhor.

Amém!

Diác. Cleber Teodósio, CM



Querida Amazônia

Papa Francisco apresentou algumas aspirações para a região amazônica

Neste 2022, a Exortação Apostólica Pós-Sinodal “Querida Amazônia”, do Papa Francisco, lançada em 02/02/2020, completa dois anos de publicação. No documento, o Papa reflete sobre o que aconteceu no Sínodo dos Bispos para a Região Pan-amazônica, dado em Roma, em outubro de 2019.

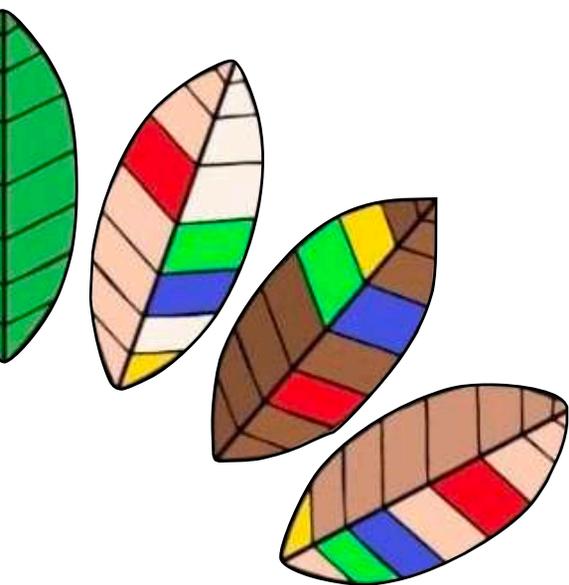
Na introdução da Exortação, o Papa apresenta quatro grandes sonhos que a Amazônia o inspira, a saber: a) Sonha com uma Amazônia que lute pelos direitos dos mais pobres; b) Uma Amazônia que preserve sua riqueza cultural; c) Uma Amazônia que guarde zelosamente a sedutora beleza natural que a adorna, e d) Com comunidades cristãs capazes de se dedicar e encarnar de tal modo na Amazônia, que deem à Igreja rostos novos, com traços amazônicos (cf.: QA, 7).

Pouco mais de dois anos do lançamento dessa Exortação, é mister saber o que como Igreja temos feito para que esses sonhos se mudem em realidade. a) De que modo temos lutado pelos direitos dos mais pobres? b) Até que ponto temos reconhecido e valorizado as riquezas culturais distintivas da Amazônia? c) Nosso olhar para a Amazônia é um olhar de amor, cuidado e preservação, ou de egoísmo, indiferença e exploração? d) Estamos abertos a dialogar com o diferente, à inclusão, à “inculturação”?

Observando nossa realidade eclesial, com mais cuidado, veremos que muito ainda temos que caminhar para que essa Igreja local alcance o patamar esperado, porém, conforme o Pe. Idalino Simões, cita em seu artigo “Querida Amazônia... Dois anos depois”, vemos que alguns passos têm sido dados, a começar pelos seguintes:

1. Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), que conforme seu presidente D. Héctor Cabrejos, realizou uma reestruturação profunda das suas estruturas, para que estejam mais próximas do povo e possam ser mais ágeis no desenvolver de iniciativas no âmbito da Igreja Amazônica.
2. D. Pedro Guimarães, Arcebispo de Palmas, destaca o estilo místico e contemplativo com que a Encíclica foi apresentada, bem como, a influência da mesma nas reuniões, revisões e recriações, processos que estão sendo interiorizados no coração da Igreja e dos fiéis na Amazônia.
3. Daniela Cannavina, Secretária Geral da Confederação Latino-Americana de Religiosos, externa que “a vida consagrada sente-se fortemente convocada, a despertar para a Amazônia, sem nunca deixar de sonhar, já que os sonhos nos convertem em profetas”.
4. Por último, o Secretário-Geral do Sínodo dos Bispos, o cardeal Mário Grech, acredita que “a ‘Querida Amazônia’ permanece tão relevante agora quanto foi, ao ser publicada. Continua sendo uma carta de amor escrita para e com o Povo de Deus, que peregrina neste belo e ameaçado território”.

Acreditamos que a ereção canônica da Conferência Eclesial da Amazônia e a elevação ao cardinalato do arcebispo de Manaus, D. Leonardo Steiner, pelo Santo Padre em 09/10/2021 e em 29/05/2022, respectivamente, são sinais evidentes de que as propostas do Documento Final do Sínodo de 2019 estão se tornando reais. Fruto também de uma igreja que acolhe os povos originários, com maior incidência na Região Amazônica, foi



Posse de D. Lauro Versiane, Colatina-ES, 2022

Ilustração: Vátrico
@babayuka - Adobe Stock

o gesto simbólico do D. Lauro Versiani, que ao tomar posse em Colatina - ES em 02/02/2022, beijou os pés de Antônio Carlos, indígena pataxó, da aldeia Pau-Brasil, de Aracruz, dizendo: “Queremos ser a Igreja, sempre mais fiel ao evangelho de Jesus, uma Igreja pobre nos seus meios e para os pobres. E se há alguém com quem nós temos uma grande dívida, são os povos indígenas. Eu gostaria que você recebesse este gesto dirigido a todos os povos originários, a todos os pobres, a todos os sofridos”.

Concluimos esta partilha com os compromissos do IV Encontro da Igreja na Amazônia Legal reunidos em

Santarém, de 6 a 9 de junho de 2022, para comemorar os 50 anos do Documento de Santarém (1972): “Comprometemo-nos a uma vida mais simples, de mais partilha e gratuidade, de conversão integral e de incidência na defesa da vida de mulheres e homens, e, aliados aos povos da Amazônia”, sem esquecer da “encarnação na realidade e evangelização libertadora”.

A partir de nossa realidade, sigamos em sintonia com o Pontificado de Francisco, que luta, incansavelmente, para fazer valer o direito e a justiça para com os mais pobres. ■

Sacha Leite

Simpósio Provincial de Comunicadores Vicentinos

Departamento de Comunicação da PBCM realiza encontro com 60 participantes, em três dias de evento

Entre os dias 3 e 5 de junho, o Seminário São Vicente de Paulo, em Belo Horizonte-MG, acolheu cerca de 60 participantes da segunda edição do Simpósio Provincial de Comunicadores Vicentinos, organizado pelo Departamento de Comunicação da Província Brasileira da Congregação da Missão. O encontro contou com representantes dos padres e irmãos da Congregação da Missão, Filhas da Caridade, Juventude Mariana Vicentina, Fráteres da Misericórdia, AEA-LAC, Sociedade São Vicente de Paulo e Associação São Vicente de Paulo. A temática discutida ao longo da programação foi “Comunicação vicentina no pós-pandemia”.

Na sexta-feira, foi servido um jantar de boas-vindas às 18h e as 19h30 os presentes participaram da abertura do Simpósio, com palestra de Ir. Adriano, CM, sobre a Província Brasileira da Congregação da Missão. Ele falou sobre a origem da Congregação no Brasil, desde a chegada dos primeiros missionários em solo brasileiro. Foram apresentados também os materiais elaborados pelo departamento de Comunicação da PBCM para comemorar os 200 anos dos Lazaris-

3 a 5 de Junho 2022
Instituto São Vicente de Paulo
Belo Horizonte

II Simpósio Provincial de Comunicadores Vicentinos

*"A caridade que para si e comunicativa, gera a caridade!"
- São Vicente de Paulo*

Assessores

- Marcus Tullius**
Coordenador Nacional da Pascom - CNBB
- Denilson Sá**
Fundador e diretor da Ozanam TV
- Tiago Parreiras**
Publicitário e designer gráfico, Diretor da Seth Comunicação

A comunicação vicentina no pós-pandemia

Inscrições e Contato
Email: informativo@pbcm.org.br
Tel: (21) 3026-1431

Realização
Província Brasileira da Congregação da Missão
Departamento de Comunicação

tas no Brasil, como por exemplo o livro e o documentário "200 anos da Congregação da Missão no Brasil". A jornalista Sacha Leite leu uma mensagem escrita pelo Visitador Provincial, Pe. Eli Chaves dos Santos, CM, que não pôde estar presente, mas enviou algumas palavras com seus votos para o encontro:

“Neste Simpósio, inspirado pelo testemunho de São Vicente, ouçam as vozes e os gritos dos pobres. Eles, presença viva e sofrida de Cristo entre nós, são nossos primeiros comunicadores. Que a comunicação vicentina se aproxime sempre mais dos pobres: sejam voz destes nossos irmãos muitas vezes sem voz; cultivem a solidariedade criativa para com os excluídos e necessitados, sem se perderem em particularidades secundárias e encantamentos com as sofisticções da tecnologia presente na comunicação; abracem suas causas em favor da vida justa e solidária; e sejam humildes, zelosos e eficientes instrumentos de missão e caridade!

Em autêntico espírito sinodal, possam desenvolver e somar concretamente esforços e iniciativas para o caminhar juntos, como Família Vicentina. Possam alargar e consolidar espaços e meios para fazer chegar longe o



Foto: Leonardo Almeida

Alguns dos participantes do II Simpósio Provincial de Comunicadores Vicentinos, que contou com boa representação das obras da PBCM e ramos da FamVin

ideal vicentino. Criem estratégias que possibilitem os próprios pobres falarem, comunicando seus sentimentos e clamores que nos interpelam na promoção da justiça e da caridade. Fortaleçam os meios de colaboração mútua para cultivar e atualizar nossa vocação vicentina e despertar novas adesões para vida e serviço no amor preferencial de Cristo pelos pobres. O Espírito Santo, cuja solenidade celebramos neste domingo, os encha de luzes e forças para que possam falar e comunicar sempre mais a língua da caridade!”

No sábado, Marcus Tullius, coordenador geral da Pascom Brasil, apresentou a relação entre Comunicação e Igreja e Denilson Sá, fundador e diretor da Ozanam TV, deu dicas de transmissão ao vivo, compartilhando materiais inspiradores de audiovisual e mostrando detalhes dos equipamentos e programas utilizados nas lives. Além disso, tivemos partilhas a respeito dos trabalhos desenvolvidos em Comunicação por todos os presentes, bem como das principais dificuldades encontradas. Através da escuta atenta foi possível identificar oportunidades de colaboração e utilização de nossos talentos, compartilhando ideias e encontrando soluções criativas para as muitas possibilidades de comunicação demonstradas.

O publicitário, empreendedor e especialista em marketing digital, Tiago Parreiras, palestrou sobre produção de conteúdo para redes sociais, no domingo pela manhã. O conferencista chamou a atenção para a necessidade de

se estudar os destinatários antes da produção de peças de comunicação, isto é, há necessidade de se saber com quem se fala, e para isso, a melhor estratégia é montar “personas”, que são protótipos detalhados de quem são as pessoas que recebem as mensagens que estamos formulando. Ou seja, no caso de uma paróquia, quem é o paroquiano típico, quais são seus hábitos, costumes e características, quais são os seus sonhos, suas dores? Dessa forma, seria possível uma Comunicação mais assertiva e ajustada.

O fechamento do Simpósio ficou a cargo do Ir. Adriano, CM, que apresentou os veículos de Comunicação geridos pela equipe da Comunicação da PBCM - sites, redes sociais e Informativo - que é formada pelo próprio Ir. Adriano, além da jornalista Sacha Leite e da jovem aprendiz Stephany Oliveira. Além disso, ele falou sobre a maneira vicentina de se fazer Comunicação. Conforme proposto por São Vicente de Paulo, deve-se priorizar o atendimento às necessidades dos menos favorecidos na sociedade, de forma virtuosa, sobretudo por meio da simplicidade, humildade, mansidão, mortificação e zelo. Ao final, os participantes compartilharam suas impressões sobre os três dias de simpósio, revelando entusiasmo com a criação de um grupo de Comunicadores Vicentinos para que as trocas persistam e frutifiquem.

A seguir, veremos alguns depoimentos dos participantes e a carta enviada pelo Visitador Provincial. >>>

"Foi com grande prazer que a equipe da recém criada Pastoral da Comunicação da Paróquia Nossa Senhora de Fátima - Contagem - RENSA participou do Segundo Simpósio Provincial de Comunicadores Vicentinos com o tema "Comunicação na pós-pandemia". Para os que estão iniciando o projeto de estruturação de uma equipe de comunicação que busca integrar todas as pastorais e movimentos com foco nos pilares vicentinos Simplicidade, Humildade, Mansidão, Mortificação e Zelo foi imprescindível a troca de informações com outros irmãos que também enfrentam dificuldades, mas também com os que já estão mais evoluídos no trabalho de divulgação da Boa Nova de Jesus Cristo. Agradecemos a equipe que organizou o encontro, a boa acolhida a nós oferecida e esperamos participar dos futuros, sempre com o espírito vicentino de ser."



Varley Crispim, da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Contagem-MG



"Diante do mundo tecnológico e da propagação do "fato" se torna cada dia mais desafiador ser comunicador. É preciso ter bases sólidas, inspirações verdadeiras e clareza sobre o que comunicar, como comunicar, onde comunicar e para quem comunicar. O 2º Simpósio Provincial de Comunicadores Vicentinos trouxe para mim dicas, ideias e guias importantes, começando pelos documentos norteadores da igreja a respeito do trabalho da Pastoral de Comunicação na Igreja, técnicas de transmissão ao vivo, gravação, produção de conteúdo etc. e, por fim, comunicar de acordo com ensinamentos e inspirações de São Vicente de Paulo".

Fráter Rosário, Fráteres de Nossa Senhora Mãe da Misericórdia, Belo Horizonte-MG

"Foi muito bom ver os diversos trabalhos realizados pelos vicentinos durante a pandemia, conversar com os comunicadores, ter um tempo para refletir e projetar o futuro. Este simpósio me trouxe a convicção de que temos que trabalhar em rede, pois juntos somos mais fortes, e o que nos une é o carisma de São Vicente de Paulo. Em benefício de nossos assistidos precisamos marcar presença nos meios de comunicação, principalmente nas redes sociais, onde situa-se a nova fronteira da Evangelização"



Denilson Sá, Sociedade São Vicente de Paulo, Jundiaí-SP



"Para mim foi fundamental para conhecimento de uma Pascom, ampliando meu interesse em implantar esta pastoral na Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, pois até então meu conceito de Pascom não estava bem definido como visão e missão nesse contexto. Já estou conversando com a equipe missionária para a instalação oficial da Pastoral da Comunicação, a partir das orientações dos palestrantes e das partilhas do II Simpósio. Também quero destacar a brilhante participação e contribuição da Sacha e do Ir. Adriano que muito animaram a todos a bem falar, expressar os anseios e desejos de participarmos cada dia como processo de comunicação e evangelização em todos os âmbitos da nossa sociedade".

Raimunda Neta, Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, Itapua do Oeste-RO

"Alguns pontos que foram tocados, principalmente na parte de espiritualidade, foram muito válidos para mim porque muitas das vezes, principalmente quando a gente é Pascom, a gente entra em um mecanismo tão robótico, tão automático que esquece a base, que é a espiritualidade. Neste ponto, todo o final de semana nos fez lembrar disso, e também onde são as raízes de nossa comunidade vicentina, bem como de nossa identidade cristã e católica, pois o nosso intuito é sempre evangelizar, no nosso caso, com a Comunicação".



Paulo Sérgio da Silva Esteves Filho, Paróquia Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, Brasília-DF



"A participação da Paróquia Medalha Milagrosa de Campina Verde-MG no Simpósio de Comunicadores Vicentinos foi enriquecedor pela oportunidade que tivemos de conhecer novas pessoas incumbidas do mesmo objetivo de aprofundar conhecimento e poder partilhar nossas dificuldades e angústias com quem vive os mesmos problemas. Foi muito gratificante. Buscar novas experiências e novos conhecimentos foi fundamental para nos ajudar a vencer os desafios diários. Muito obrigado pelo convite e oportunidade e parabéns pela organização".

William Batista, Paróquia de Campina Verde-MG



"A Palavra se fez carne e habitou entre nós (Jo 1,14), e a Palavra se tornou Vida, e a Vida se tornou verdadeira comunicação! Foi muito prazeroso participar do II Simpósio de Comunicadores Vicentinos! Nunca é demais aprender e fazer chegar ao outro o saber adquirido, ou buscar uma atualização que melhor corresponda às demandas de hoje; é também uma maneira de exercitar a caridade, como nos disse São Vicente - "A caridade que por si é comunicativa, gera a caridade!" Os qualificados assessores foram brilhantes em suas exposições, apresentando os conteúdos com maestria e convicção, usando, com responsabilidade, os meios simples ou os mais modernos instrumentos de Comunicação, seja o mais comum (a palavra), seja o mais moderno (tecnológico). O grupo procurou interagir, ora compartilhando suas experiências, ora solicitando maiores esclarecimentos sobre o exposto. Os facilitadores ou organizadores do encontro, Irmão Adriano e Sacha, muito ajudaram na dinamização e bem estar do Simpósio. O convívio foi agradável, a dinâmica produtiva, os conteúdos muito oportunos; sem contar a comodidade da hospedagem e alimentação confortáveis! Parabéns aos organizadores! Parabéns aos participantes que levaram a sério todo o desenrolar do Simpósio! Jesus, O Comunicador por excelência do Pai, seja sempre a nossa inspiração!"

Pe. Onésio Moreira Gonçalves, Missão-Paróquia N.S. da Conceição, Francisco Badaró-MG

"Foi um momento singular e de muita troca de conhecimento e aprendizado ao lado das inúmeras raízes da Família Vicentina. Conhecer a realidade local de diferentes regiões, ilustrou quão a comunicação precisa de ser afetiva e efetiva de acordo com a necessidade. Os momentos de partilha, intensificou o quanto o diálogo é necessário para a construção de verdadeiros comunicadores, pois a tecnologia pode ajudar a disseminar a informação, mas a escuta em cada comunidade, ter o conhecimento e a clareza da nossa comunidade paroquial, provincial promove uma comunhão dos propósitos com mais coesão e efetividade. Enfim, este Simpósio, ilustrou que nossa Família Vicentina, escuta com o coração e está levando através de inúmeras formas de comunicar, o Amor de Deus".



Patrícia Pinheiro, pré-postulante da Companhia Filhas da Caridade São Vicente de Paulo, Belo Horizonte-MG

Carta enviada pelo Pe. Eli Chaves, visitador da PBCM

Prezados Participantes do Simpósio de Comunicação Vicentina,

Aqui, a todos vocês minha saudação fraterna e votos de um bom e fecundo encontro. De longe, rezo e torço para que este Simpósio seja uma rica experiência de convivência fraterna, de intercâmbio e troca de saberes e de maior afervoramento na vivência e comunicação do carisma vicentino. Parableno-os por esta bela e significativa iniciativa; reunidos em Cristo evangelizador dos pobres, tudo concorra para o bem da missão, para o bem dos pobres!

Neste Simpósio, inspirado pelo testemunho de São Vicente, ouçam as vozes e os gritos dos pobres. Eles, presença viva e sofrida de Cristo entre nós, são nossos primeiros comunicadores. Que a comunicação vicentina se aproxime sempre mais dos pobres: sejam voz destes nossos irmãos muitas vezes sem voz; cultivem a solidariedade criativa para com os excluídos e necessitados, sem se perderem em particularidades secundárias e encantamentos com as sofisticções da tecnologia presente na comunicação; abracem suas causas em favor da vida justa e solidária; e sejam humildes, zelosos e eficientes instrumentos de missão e caridade!

Em autêntico espírito sinodal, possam desenvolver e somar concretamente esforços e iniciativas para o caminhar juntos, como Família Vicentina. Possam alargar e consolidar espaços e meios para fazer chegar longe o ideal vicentino. Criem estratégias que possibilitem os próprios pobres falarem, comunicando seus sentimentos e clamores que nos interpelam na promoção da justiça e da caridade. Fortaleçam os meios de colaboração mútua para cultivar e atualizar nossa vocação vicentina e despertar novas adesões para vida e serviço no amor preferencial de Cristo pelos pobres.

O Espírito Santo, cuja solenidade celebramos neste domingo, os encha de luzes e forças para que possam falar e comunicar sempre mais a língua da caridade!

Fraternalmente,

PEli Chaves dos Santos

Mariano Lopes

Língua portuguesa, instrumento de comunicação oral e escrita

Alguns apontamentos sobre o bom uso do português

Mais do que nunca, na história, o ser humano se sentiu um ser comunicativo. Em quaisquer atividades a que se dedique, impõe-se ao homem de nosso tempo a necessidade de construir e transmitir seu pensamento. A velocidade da tecnologia se encarrega de criar instrumentos que facilitam a comunicação oral e escrita. O homem moderno é resultado do que lê, vê e ouve, fatores que o ajudam na arte de escrever e falar.

O legado escrito de São Vicente de Paulo, registro de seu processo de comunicação com os pioneiros da Congregação da Missão, das Filhas da Caridade e das Confrarias da Caridade, apresenta uma infinidade de conferências e colóquios portadores dos caminhos da espiritualidade e santidade que o Santo imaginava para seus seguidores nos caminhos missionários. Os comunicadores vicentinos são, hoje, os sucessores do espírito de São Vicente.

O grande Papa João XXIII, hoje nos altares – São João XXIII – referindo-se aos meios de comunicação, assim se expressa: “Graças aos poderosos veículos de comunicação, deixamos de ser apenas cidadãos de nossa pátria. Tornamo-nos cidadãos do mundo. Distâncias foram superadas, barreiras caíram e a família humana tornou-se universal; todos se conhecem, influem e são influenciados.”

Considerando-se o processo de comunicação que se pratica em nosso tempo, entra, necessariamente, em cena nosso código linguístico, a língua portuguesa, em suas variedades oral e escrita. Evidentemente que não são só os letrados, executivos e similares que se comunicam. Também o homem e a mulher simples, bem como aqueles que pouco caminharam na trilha da escolaridade se comunicam, e a seu modo. A multiplicidade de atores da comunicação determinará as variedades linguísticas.

A Língua Portuguesa apresenta variedades associadas a diversos aspectos, entre os quais, as características regionais, a faixa etária dos interlocutores, o sexo dos falantes e os diversos grupos sociais. A variedade padrão ou norma culta é a que conta com maior prestígio social e que, em

seu registro formal, segue as regras das gramáticas normativas. As variedades não padrão são populares, isentas de maiores preocupações gramaticais. Tais variações, frequentemente, são alvo de preconceito, sendo taxadas de “primitivas”, “feias”, “erradas”. Do ponto de vista da linguística (ciência que estuda a linguagem), entretanto, tal julgamento não se justifica. Todas as variedades são legítimas e funcionam, permitindo não só que as pessoas se comuniquem, como também produzam cultura e arte.

Nas atividades de Língua Portuguesa, analisamos, naturalmente, a variedade padrão da língua, visando às habilidades de “falar” e “escrever”, em contexto social e profissional, em que mais letramento se faz necessário.

Para uma utilização adequada da língua, é necessário que se dê atenção a aspectos textuais que possibilitem uma comunicação oral ou escrita de qualidade, contemplando-se, além das regras inerentes ao padrão culto da língua, valores estéticos, estilísticos, literários e semânticos.

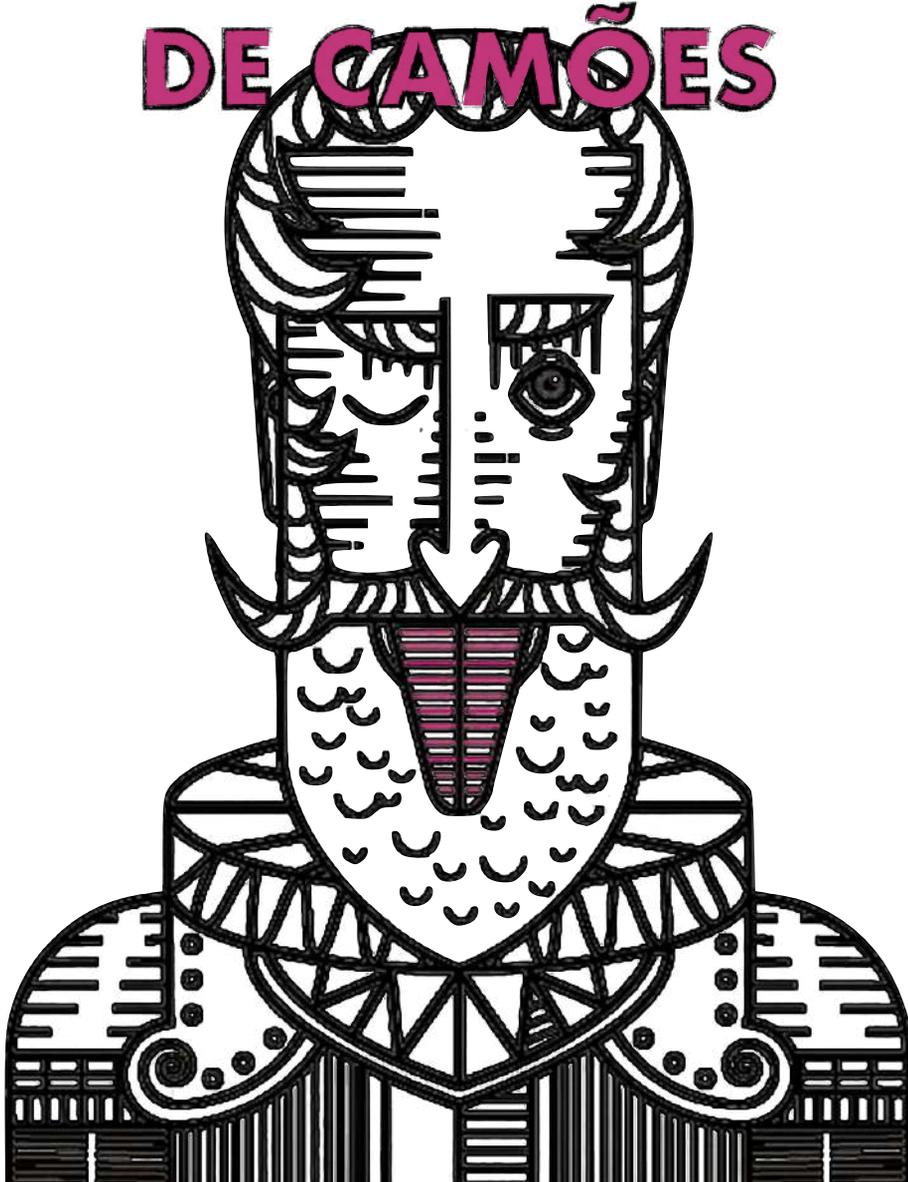
Quer fale, quer escreva, o usuário da língua deve ter cuidados especiais, para que seu texto tenha sentido, seja criativo e atinja os objetivos desejados.

Um texto, escrito ou falado, deve partir de um contexto situacional, enriquecido, ocasionalmente, por um contexto histórico. O mero agrupamento das palavras não garantirá informação alguma, sentido algum ao texto.

Além das estratégias linguísticas de ordem cognitiva e discursiva, o texto deve caracterizar-se pelos seguintes fatores: situacionalidade, certamente já previsto no contexto situacional; informatividade, informações explícitas e outras previsíveis; intertextualidade, ilustrando-se o tema tratado com possíveis citações e opiniões de outros autores; intencionalidade, o texto produzido deve ser compreendido pelos interlocutores e direcionado ao objetivo pretendido; finalmente, a aceitabilidade, isto é, uma mensagem linguística plausível por parte de leitores ou ouvintes.

Além dos elementos de textualidade, um texto bem construído se marcará por critérios de coerência e coesão, responsáveis por sua eficiência. A coerência, longe de constituir apenas uma propriedade do texto, há de ser o

NA LÍNGUA DE CAMÕES



constituir apenas uma propriedade do texto, há de ser o resultado da construção de sentido feita pelos interlocutores – leitores ou ouvintes –, numa situação de interação, envolvendo fatores de ordem cognitiva, situacional e sociocultural.

Um escritor ou falante (palestrante, por exemplo), para manter mais fácil interlocução com leitores e ouvintes, deve cuidar, em seus enunciados, da coerência temporal, espacial, argumentativa, semântica, sintática e, por que não, estilística.

A coerência do texto só acontece mediante o emprego de elementos de coesão que garantam a conexão interna dos vários enunciados e as relações de sentido que existem entre eles. Essas relações de sentido se expressam por meio de conectivos ou elementos de coesão, estudados na morfologia da língua (conjunções, advérbios, pronomes).

O uso adequado dos conectivos confere unidade ao texto e contribui consideravelmente para a expressão clara das ideias. Seu uso inadequado traz efeitos perturbadores,

tornando certas passagens incompreensíveis, construindo verdadeiros paradoxos semânticos.

Um último princípio, na elaboração de textos como instrumento de comunicação oral e escrita em Língua Portuguesa, é a progressão discursiva. Este princípio consiste na continuidade das ideias, isto é, na progressão do texto. Cada informação acrescentada ao texto, ao mesmo tempo que retoma as informações anteriores, deve apresentar dados novos em relação ao tema.

Em um texto bem escrito, em uma fala eficiente e criativa, é proibido repetir, a não ser que a repetição tenha alguma função no conjunto exposto. Nesse caso, não seria mera repetição, mas um recurso de expressividade, sobretudo para se enfatizar uma ideia que se quer destacar. Constitui redundância viciosa toda repetição que nada acrescenta de novo, contrariando, portanto, o princípio da progressão discursiva.

Concluindo esta abordagem sobre elementos indispensáveis à elaboração de textos orais e escritos utilizados na comunicação, citamos o grande escritor e filólogo Othon M. Garcia: “A linguagem – seja ela

oral ou escrita, seja mímica ou semafórica – é um sistema de símbolos e signos, voluntariamente produzidos e convencionalmente aceitos, mediante o qual o homem se comunica com seus semelhantes, expressando suas ideias, sentimentos ou desejos. (...) A linguagem ideal seria aquela em que cada palavra (significante) designasse ou apontasse apenas uma coisa, correspondesse a uma só ideia ou conceito, tivesse um só sentido (significado). Como tal não ocorre em nenhuma língua conhecida, as palavras são, por natureza, enganosas, porque polissêmicas e plurivalentes. Muitas têm mais de 100 acepções...”

Assim sendo, cumpre a todo educador, docente e comunicador vicentino pautar seu fazer pela tríade “convicção, coerência e clareza”, que o Padre Vinícius Augusto, CM, assim apresenta em seu opúsculo “São Vicente de Paulo, Inspiração e impulso para os educadores”: “Convicção do valor da experiência que comunica, coerência assegurada por sua práxis, clareza na explicitação dos componentes teóricos e práticos da vida cristã e do carisma vicentino.” ■



Foto: enviada por Ramon Aurélio

Participantes do encontro em frente à Fazenda do Engenho

Daniel Souza

Encontro de leigos ligados ao carisma vicentino

Fazenda do Engenho, em Santa Bárbara, acolhe primeiro encontro de leigos vicentinos

Cabe antes de adentrar as notas deste encontro, requerer licença para contextualizar o leigo e a Igreja, o que assim de forma resumida passasse a fazer. Inicialmente, o que significa leigo, de acordo com o dicionário: “1.1. que ou aquele que não recebeu ordens sacras; laico [Orign. designava o serviçal dos conventos.].2. 2.que ou aquele que é estranho a ou que revela ignorância ou pouca familiaridade com determinado assunto, profissão etc.; desconhecedor, inexperiente”. Após conhecer o significado da palavra leigo, deve-se buscar quando este leigo passa a ser entendido como sujeito ativo no seio da Santa Mãe Igreja, que será de suma importância para conhecer a essência do encontro em comento.

Nesse sentido, vejamos o que foi o Concílio Vaticano II “... o último e mais recente concílio geral da Igreja nasceu do espanto de todos. O velho Papa de transição João XXIII, já com 77 anos, resolveu “arejar” a Igreja e provocou a maior revolução já vista na História da Igreja. Isolada do mundo, a Igreja, pelo Vaticano II, se viu obrigada a reorganizar sua vida e recuperar o diálogo

com a sociedade circundante. Uma questão chave esteve presente no concílio: qual a relação entre o papa e o colégio dos bispos? E qual o papel dos leigos na Igreja? ...”

Deve-se lançar foco no Decreto sobre o Apostolado Leigo, que coloca o leigo em papel de protagonismo no seio da Igreja, tal afirmativa encontra ressonância no trecho do Decreto do Papa Paulo VI: “...Exercem, com efeito, apostolado com a sua ação para evangelizar e santificar os homens e para impregnar e aperfeiçoar a ordem temporal com o espírito do Evangelho; deste modo, a sua atividade nesta ordem dá claro testemunho de Cristo e contribui para a salvação dos homens. E sendo próprio do estado dos leigos viver no meio do mundo e das ocupações seculares, eles são chamados por Deus para, cheios de fervor cristão, exercerem como fermento o seu apostolado no meio do mundo...”

Passados anos após o Concílio que visou a modernidade da Igreja, a Humanidade é presentada com o Papa Francisco que convidou seus bispos a deixarem seu palácios e a terem cheiro de ovelhas, tal afirmativa encontra amparo na reportagem acerca do discurso feito pelo

Papa ao Bispos do CELAM em 2013 na casa Sumaré Rio de Janeiro onde pode se lê: “O pontífice disse também que existe na América Latina uma forma de liberdade laica que se expressa fundamentalmente na piedade popular e acrescentou que a proposta dos grupos bíblicos, das comunidades eclesiais de base e dos conselhos pastorais segue a linha de superação do clericalismo e de um crescimento da responsabilidade laica. O Papa Francisco destacou que Aparecida propôs a renovação interna da Igreja e disse que é necessário com frequência que os bispos reflitam se o trabalho que fazem é mais pastoral que administrativo, se promovem espaços e ocasiões para manifestar a misericórdia de Deus, se participam da missão aos fiéis laicos e se são apoiados...”

Nesse contexto, cabe convidar o leitor a observar algumas questões que passo a descrever: Inicialmente cabe apontar que o berço da missão vicentina, o Santuário de Nossa Senhora Mãe dos Homens, é um templo erigido e cuidado durante muito tempo por leigos. Os missionários de Vicente, ao assumirem o templo, somam-se aos leigos. Posteriormente, saem em missão junto ao povo, formam o clero e os leigos, são pioneiros e atuantes nas comunidades de base, suas paróquias tem em sua característica o protagonismo leigo.

Na segunda metade da década de 1990, a Província Brasileira da Congregação da Missão (PBCM) teve como visitador um pastor, na visão de Francisco, não só preocupado com os consagrados. O Padre Eli passou a convidar leigos que estivessem ligados ao Carisma de Vicente a subirem a Serra do Caraça para partilharem e culminarem no propósito de Vicente.

Esse bom pastor e grande missionário, voltou a ser Provincial e, agora, parece ter um novo sonho, lançando o tema Leigos e Leigas ligados à PBCM. Não se pode afirmar se acidentalmente, ou se a simplicidade do Padre Eli, juntamente com seus assessores para o encontro em comento (os padres: Ezequiel, Juarez e Alexandre) possuíam a intenção de promover algo diferente.

Ocorre que o Encontro, de 10 a 12 de junho do ano corrente, nasce diferente de seu lema, com cerca 50 participantes. Além de pessoas ligadas à PBCM, quer por laços colaborativos, quer por afinidade, havia pessoas atuantes em outros ramos da Família Vicentina. Que pareciam sedentas de um saber, fortemente animadas em labutar e compartilhar seus muitos saberes.

Nessa toada, verifica-se que a partir do encontro de junho, pode-se ter uma nova forma de pensar o papel do leigo na Igreja, que sob este carisma vicentino sabem bem como acolher, tal como falou Francisco em uma comunidade do Rio de Janeiro: “Sei bem que quando alguém que precisa comer bate na sua porta, vocês sempre dão um jeito de compartilhar a comida: como diz o ditado, sempre se pode “colocar mais água no feijão”! Se pode colocar mais água no feijão? ... Sempre! ... E vocês fazem isto com amor, mostrando que a verdadeira riqueza não está nas coisas, mas no coração!”

O visionário que foi impulsionador da Família Vicentina, baluarte na criação do MISEVI Brasil, com a sabedoria de um bom caracense, muito bem assessorado pelos padres e irmãos Lazaristas, o padre Eli Chaves, CM, já marcou um novo encontro, para outubro, com uma primeira novidade: os leigos reivindicaram um lugar de assento na organização deste novo encontro.

Por fim, o que falar destes três dias de encontro? Inicialmente que, após anos sem poder abraçar, foi uma dádiva do ponto de vista Humano. No campo pastoral, verifica-se sede do saber, do ponto de visto paternal, verifica-se que a PBCM está motivada a iniciar um processo juntamente com os leigos, de fomento da atividade laica, não consubstanciado no servir por servir, mas sobretudo em estar bem formada para assumir o seu apostolado e protagonismo, no seio desta Grande Mãe chamada Igreja, que não é absolutamente clerical, e nunca laica, mas que é uma fusão destes que, movidos e inspirados por diferentes Carismas, vivem o seu amor a Cristo. ■

Foto: enviada por Ramon Aurélio



Pe. Hélio Correia Maia, CM
 Ramon Aurélio Jr. da Cunha, CM
 Jociane Geralda da Silva

Curato Nossa Senhora das Graças

A missão da PBCM na Baixada Caracese, sua história e desafios



Chamado de Curato, porque esta porção da Igreja local encaixa-se no termo religioso, derivado de "cura" ou "padre", usado para designar aldeias e povoados com as condições necessárias para se tornar uma freguesia, ou seja, tornar-se distrito de um município. O Código de Direito Canônico deixa em aberto a possibilidade de o bispo diocesano favorecer o atendimento do Povo de Deus quando não há possibilidade de se criar uma quase-paróquia ou paróquia: *"Onde certas comunidades não possam ser erigidas como paróquias ou quase-paróquias, o Bispo diocesano assegure de outro modo o cuidado pastoral delas"* (Cân. 516 §2). Neste sentido, a região que hoje chamamos de Nossa Senhora das Graças, sob os cuidados da comunidade dos Padres e Irmãos Lazaristas e do Cura, tornou-se uma missão Lazarista, denominada Curato Nossa Senhora das Graças.

Assim sendo, este foi criado pelo decreto de *Dom Luciano Mendes de Almeida*, no dia 9 de janeiro de 2006. Atualmente, o Curato local é formado por cinco Comunidades: Sant'Ana (Santana do Morro), São José (Sumidouro), Santo Amaro (Brumal), Nossa Senhora Imaculada Conceição (Barra Feliz) e Nossa Senhora Aparecida (Trevó). Está localizado na Rua da Paciência, 1516 – Brumal – Santa Bárbara – MG – 35.960-000. Junto ao Curato, está o Santuário de Nossa Senhora Mãe dos Homens, administrado pelo superior do Santuário do Caraça. Ressaltamos que cada comunidade, em especial, traz marcas culturais e históricas referenciais e próprias, sendo algumas delas anexadas ao Curato, mais antigas que a própria estrutura do Curato (2006). Vale ressaltar que estas comunidades são muito originais, remontando ao início do século XVIII. Pertencentes ao município de Santa Bárbara-MG, possuem um belo e importante patrimônio artístico e histórico, inclusive com relíquias tombadas pelo Município, IPHAN e IEPHA.

A vida econômica e social marca profundamente a realidade do Curato que, por sua vez, está em um território rural. No entanto, a maioria das atividades das pessoas que frequentam o Curato não têm como principais frentes de trabalhos atividades relacionadas ao mundo rural e a agricultura familiar, muitos dependem de traba-

lhos nas mineradoras, atendimento ao público e prestação de serviço ao Santuário do Caraça. Quanto aos serviços públicos e em geral, as Comunidades dependem praticamente em tudo da cidade, tendo na região apenas serviços básicos de saúde, escola e pequenos comércios. As famílias vivem, em geral, com modéstia, mas tendo assegurada a satisfação de suas necessidades, o que não impede a existência de alguns bolsões de pobreza bem localizados e identificados.

Por estarem localizadas na zona rural, as Comunidades acabam tendo poucos atrativos e opções para o lazer, especialmente das crianças e da juventude, o que muitas vezes favorece o vício e o abandono. Culturalmente, as Comunidades apresentam grandes virtudes, como suas próprias tradições, que remontam a décadas ou séculos, tanto na perspectiva religiosa quanto na especificidade cultural, como a música e a Cavallhada de Santo Amaro e de São José Operário.

No âmbito eclesial, o Curato Nossa Senhora das Graças é uma realidade muito serena e participativa. É formado por um povo de forte devoção popular e de fé transmitida no âmbito familiar e comunitário. As Comunidades caminham satisfatoriamente, com esperança e alegria. Algumas dificuldades atrapalham o dia a dia da vivência da fé, da missão e da formação, como por exemplo a pouca participação e a dificuldade de lideranças leigas em uma ou outra comunidade, onde o número de pessoas é bem reduzido. As liturgias, bem preparadas e cantadas, demonstram a vibração da fé, a devoção e a piedade das Comunidades e seu entusiasmo pela vivência do Evangelho manifestada nas várias atividades existentes durante a semana e no compromisso de muitos Leigos e Leigas com a evangelização.

Assim como as outras obras da PBCM e a Igreja no Brasil, o Curato Nossa Senhora das Graças, sofreu fortemente com a Pandemia causada pela COVID-19 durante os anos de 2020, 2021 e nos quatro meses iniciais do ano de 2022. Foi um momento de perdas e também de forças de crescimento. Lembramos aqui, pessoas queridas que, na gratuidade dedicaram-se a evangelização e que fizeram sua páscoa durante a pandemia e que sempre foram membro ativos nas comunidades. Como



Foto: Elvira Nascimento / Conheça Minas

Igreja de Santo Amaro, em Brumal, uma das mais belas de Minas Gerais

força de crescimento durante à crise de saúde sanitária é perceptível a fraternidade, a solidariedade e a sensibilidade evangélica entre as pessoas que compõe o Curato. Também as doações e ofertas do dízimo, mesmo tendo suas portas “fisicamente fechadas”, não foi alterada, tendo a participação afetiva e efetiva do bom povo do Curato. Neste período, destacamos um grupo específico emergente em nosso Curato no qual contribuiu diretamente para a evangelização em meio à crise da Covid-19 e na transmissão da fé que é a Pascom: Pastoral da Comunicação.

Desde julho do ano de 2017, Padre Hélio Correia Maia, CM, está como Cura. Além da assistência dos padres e irmãos do Santuário do Caraça, Padre Luís Carlos, CM, Padre José Gonzaga, CM, e Pe. Alexandre Nahass, CM, recentemente juntou-se ao Curato, em seu ano pastoral, o Sem. Ramon Aurélio Júnior da Cunha, CM, que tem atuado nas atividades pastorais e missionárias. Estes missionários contribuem ativamente para a vida dinâmica e pastoral de nosso Curato junto ao Povo de Deus.

Presença dos Padres e Irmãos Lazaristas

Os Padres e Irmãos da Congregação da Missão assumiram a responsabilidade de acompanhar com maior

assiduidade as Comunidades do Curato Nossa Senhora das Graças, desde o ano de 2006, passando, sobretudo, a celebrar a Palavra de Deus e a Eucaristia. No final do ano de 2010, foi assinado um novo contrato entre a PBCM e a Arquidiocese de Mariana, renovando e firmando o compromisso dos Padres da Missão de dar continuidade aos trabalhos que vêm sendo desenvolvidos.

Por não ter independência jurídica, o Curato esteve, de 2006 a junho de 2010, vinculado à Paróquia São João Batista, da cidade de Barão de Cocais, sobretudo em relação à administração e à pastoral. No entanto, a pedido do povo de Deus, sempre assistido pelos padres e irmãos do Caraça em sua redondeza, em consonância com o Sr. Arcebispo, Dom Geraldo Lyrio Rocha, e o responsável pela Paróquia São João Batista, Pe. Wantuil Gonzaga Júnior, criou-se, no dia 24 de maio de 2010, o CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica).

Com isto, o Curato passou a ter autonomia administrativa e financeira também. Nestes anos sob a jurisdição e cuidados dos Lazaristas em comunhão com o Arcebispo vigente e o Vigário Episcopal, Mons. Celso Murilo Sousa Reis, o Curato passou a ter autonomia também no que tange à dimensão sacramental, adquiriu-se os livros de registros de Batismo, Matrimônio, Óbito, Crisma e Tombo. >>>

Apostolado e missão Junto ao povo de Deus, no Curato

O Planejamento Pastoral do Curato Nossa Senhora das Graças tem por finalidade organizar a ação missionária exercida pelos Padres, Irmãos da Congregação da Missão e pelos líderes das Comunidades. Este foi construído, de um jeito participativo, realizado no dia 11/11/2017, na Assembleia Geral do Curato Nossa Senhora das Graças, à luz da realidade pastoral, dando sequência à gestão de 2012 que teve embasamento nos documentos da Igreja (Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, o Documento de Aparecida e o Projeto Nacional de Evangelização “O Brasil na Missão Continental”). Portanto, para não perdermos o foco, o eixo norteador deste Planejamento, será o Projeto Arquidiocesano de Evangelização (2016-2020), da Arquidiocese de Mariana, cujo tema: “Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho” (1Cor 9,16). Assim sendo, se tornará um instrumento para a articulação da ação evangelizadora no Curato, tendo em vista dois pilares: Comunidade e Missão.

Alguns Horizontes Missionários conduzem nossas atividades, são eles: 1. Formação de Lideranças: formação permanente para os leigos, tendo em vista seu maior comprometimento e a mais ampla consciência de sua condição de sujeito da evangelização. 2. Ministério da Visitação: visita às famílias da Comunidade, tendo em vista a importância do serviço, da acolhida e do encontro no processo de evangelização. 3. Rede de Comunidades: estruturação e fortalecimento do Curato como uma rede de Comunidades, que tem, para além da proximidade, um projeto pastoral em comum e uma orientação missionária própria. 4. Catequese: organização da Catequese, a partir da aquisição de material adequado e da formação permanente dos Catequistas.

Diversas pastorais compõem o Curato Nossa Senhora das Graças: Pastoral de Eventos: Todas as 1ª segundas-feiras, às 19h, ou quantas vezes precisar, para organizar um evento. Pastoral Familiar: Todas as 2ª segundas-feiras, às 19h (rodízios nas Comunidades); Pastoral do Dízimo: Todas as 3ª segundas-feiras às 19h (rodízios nas Comunidades); Pastoral da Criança: Todas as 2ª quartas-feiras às 19h, na Casa Paroquial; Pastoral da Juventude: reúne-se uma vez por mês, sem dia definido. De acordo com a disponibilidade de todos do Grupo de Jovens. Pastoral da Família, Pastoral Litúrgica, Pastoral do Batismo, Pastoral Catequética, Pastoral do Dízimo, Pastoral da Criança, Pastoral da Juventude, Pastoral da Comunicação, Pastoral de Eventos e outras pastorais que iluminam a vida pastoral e missionária do Curato.

Alguns desafios que podemos apresentar na dimensão pastoral, são: 1. Preservação do patrimônio histórico das Comunidades. 2. Organização física (centro de formação, restauração de imóveis, legalização de terrenos que estão sendo invadidos). 3. Ereção do Curato como Paróquia. 4. Trabalhar as tradicionais relações de vínculo e dependência com os políticos da região, despertando

nas comunidades uma consciência crítica, analítica e sociopolítica de independência, de organização associativa e comunitária para o pleno exercício da cidadania.

Um projeto ainda em andamento pastoral é o do Caixa único, em que todo o valor arrecadado nas comunidades, sendo, dízimo (adulto e/ou mirim), ofertas, festa de padroeiro e demais santos, etc., será destinado ao caixa comum. Vale a pena ressaltar que 4% do dízimo e oferta será destinado para a dimensão social/humana. O objetivo do “caixa comum” é fazer com que todos, e cada um, tenham as necessidades atendidas. Isso nos é demonstrado em At 2,42-47. As Reuniões do Conselho Pastoral Paroquial (CPP) é toda 1ª terça-feira às 19h, no Salão dos Vicentinos, em Brumal, e o Conselho de Assuntos Econômicos e Financeiros (CAEF) acontece todas as 2ª terças-feiras, às 19h, na Casa Paroquial, também em Brumal.

Sendo assim, o Curato Nossa Senhora das Graças quer basear “todas as suas atividades pastorais da Igreja, fundamentada nas Sagradas Escrituras e nos documentos eclesiais, que é fruto de uma tradição milenar, a partir da própria experiência da caminhada do Povo de Deus. No presente momento, comunidade e missão são os eixos principais que articulam a ação evangelizadora na Arquidiocese de Mariana”. (Projeto Arquidiocesano de Evangelização – PAE).

Palavra do Cura (Considerações Finais)

O Curato Nossa Senhora das Graças “é um sonho que não se sonha só”, como nos convida o Papa Francisco: vamos sonhar juntos. Durante muitos anos, muitas pessoas se dedicaram à construção deste sonho comunitário, dentre elas diversos coirmãos, padres e irmãos e a comunidade de fé, leigos e leigas comprometidos com o Reino de Deus. Queremos aqui deixar registrado nossa gratidão a Deus que sempre com suas graças permitiu ao Curato e a todas as pessoas que por aqui passaram e estão passando, continuem o projeto de Evangelização e serviço ao Reino. Em especial, agradecemos a PBCM que, desde então, sempre demonstrou solidariedade diante das necessidades do Curato, bem como confiança ao Cura e a seu trabalho.

Também louvamos a Deus pela presença da comunidade do Caraça que, através dos coirmãos residentes, sempre se mostraram solícitos e disponíveis no atendimento sacramental, missionário e humano às comunidades do Curato. Sendo assim, expressamos neste ano vigente e pós-pandêmico, toda a nossa Esperança de que, com fidelidade, fé e força, o Curato Nossa Senhora das Graças continue assistido pela Província Brasileira da Congregação da Missão, pelos coirmãos do Caraça, pelo povo Santo de Deus e sobretudo, pela misericordiosa bondade e a Providência Divina de Deus que não cansa de nos presentear com o seu auxílio. Vale a pena ressaltar a presença de Marcus Alexandre e Ir. Miguel Generoso, CM; que muito carinho e zelo missionário contribuíram com esta história magnífica que o Curato vem traçando. O nosso muito obrigado. ■



Comunidade São José - Sumidouro - construção: 1800 a 1874

É tombada pelo Patrimônio Histórico Municipal. No salão ao lado, são realizadas as celebrações, os encontros de formação e as reuniões da comunidade. Construída no século XIX, a Capela de São José reflete em seu interior a mesma singeleza do exterior. Em sua estrutura, possui apenas um retábulo de entalhe simples e pouco ornamentado. Já sofreu diversas intervenções, mas ainda preserva o seu coro e púlpito originais. A Capela foi construída com o esforço das pessoas da própria Comunidade. A família dos Baião e Lopes contribuiu para a construção da Capela. Dona Brasilina, senhora piedosa, doou muito ouro para ser revertido em materiais para construção. Atualmente a Igreja está necessitando de restauração.



Santo Amaro - Brumal - construção: 1727 a 1739

É o distrito mais antigo do Curato, fundado em 1701, pelo bandeirante Antônio Bueno, quando descobriu as minas situadas na região. O povoado, formado pelos bandeirantes, recebeu o nome de Brumado, devido à grande serração (bruma), comum na região. O nome Brumal foi oficializado pelo decreto Lei nº 1058 de 31 de dezembro de 1943. As minas do antigo Brumado, que no princípio se mostraram pobres, se tornaram mais generosas com os que nelas acreditaram, e a povoação se consolidou, cresceu e acumulou riqueza suficiente para erigir a sua rica capela, sob a invocação de Santo Amaro. A igreja de Santo Amaro foi tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 30 de agosto de 1941. A Igreja faz parte do núcleo de Brumal, sob a proteção do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA/MG), desde 1989, e do Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural, desde 14 de abril de 2009. Atualmente está necessitando de uma boa restauração no geral.



Nossa Senhora da Conceição - Barra Feliz - construção: 1787 (antiga)

Barra Feliz foi descoberta, no início do século XVIII, pela expedição chefiada pelo Bandeirante Antônio Bueno. Em cada localidade que o chefe da expedição chegava, colocava a imagem de um santo de sua devoção, por isso acredita-se que Barra Feliz tenha sido fundada por volta de 8 de dezembro de 1787, ano que se encontra gravado no muro da Igreja. A primeira Igreja erguida em honra à Nossa Senhora Imaculada Conceição foi construída pelos escravos. Depois construíram a Igreja atual, em estilo neogótico.



Santana - Santana do Morro - construção: iniciou-se no ano de 1891.

A imagem de Sant'Ana chegou em 1916, vinda do Rio de Janeiro. Pouco sabemos da história da Comunidade, mas o testemunho de vários documentos garante que a Comunidade era um antigo quilombo de escravos da região caracense. Atualmente, a Capela está passando por reforma, sobretudo, no que tange ao altar mor, assoalho, madeiramento e passeio. Com a graça de Deus e apoio do povo, iremos ampliar os banheiros, em breve. O projeto já está aprovado. O ponto forte da Comunidade é a festa de Sant'Ana, sendo organizada pelos moradores e com participação do povo da região.



Comunidade São José - Sumidouro - construção: 1800 a 1874

A Capela encontra-se situada à margem da BR MG 426, mais conhecida como Rodovia do Caraça, no trevo de Brumal, entre Barão de Cocais e Santa Bárbara. O local era comumente conhecido como Vila Pedregal, isto há aproximadamente 37 anos. Aos poucos os moradores sentiram a necessidade de incentivar a fé das pessoas. No ano de 1975 os missionários pregaram as Santas Missões na região, ocasião em que padre Geraldo era pároco de Barão de Cocais. No encerramento das missões, foi colocado um cruzeiro em cima de uma grande pedra e, junto com a cruz, a imagem de Nossa Senhora Aparecida. Com a presença da imagem as pessoas sempre se reuniam para rezar o terço, novenas e etc. Com o passar dos anos, outros moradores vieram para residir nas proximidades do cruzeiro e fundaram a Conferência de São Vicente de Paulo. A partir das Conferências, surgiu a ideia de fazer um salão próximo do cruzeiro. Na construção deste, ficou como local de encontros, celebrações da palavra, novenas, reza do terço. No ano de 2005, a comunidade de Brumal sentiu necessidade de ampliar o salão transformando-o numa capela. No mês de novembro de 2011 iniciaram as Celebrações Eucarísticas aos sábados. É louvável a participação de um grande número de féis.

Fotos: Arquivo Curato

Sem. Leonardo Paredes de Almeida, CM

Novas experiências na formação durante a Pandemia

O retorno ao regime das aulas e encontros presenciais dos seminaristas vicentinos

Sem sombra de dúvidas, a Pandemia da COVID-19 surpreendeu a todos. Muitos eram os nossos planos, sonhos e projetos para o início de 2020. Para a dinâmica de nossos Seminários (Instituto São Vicente de Paulo, Seminário Interno São João Gabriel Perboyre e Teologado Vicentino São Justino de Jacobis) não foi diferente. Todos os anos, nós, seminaristas, ficamos na expectativa por iniciar mais um ano letivo: novas disciplinas, novos conteúdos, as avaliações, os congressos, simpósios, oficinas e cursos, assessorias, “novinters”, os livros e as incontáveis apostilas a serem lidas, a elaboração das monografias para conclusão dos cursos (Filosofia, Seminário Interno e Teologia), o exame compreensivo da De Universa (Teologia), enfim, tantas atividades, tantas demandas, o que gera em cada seminarista um “mix” de sentimentos. Mas, mesmo assim, não podemos deixar de dizer sobre a alegria em poder reencontrar os amigos que muito agregam em nossa caminhada vocacional vicentina, que nos ajudam não só na aprendizagem e no conhecimento intelectual que construímos, mas também, de alguma maneira, em nossa caminhada. Essas amizades fortalecem-nos e animam-nos diariamente.

Toda essa expectativa e todo esse desejo foram surpreendidos pela Pandemia da COVID-19, que nos exigiu uma nova forma de caminhar nos estudos filosóficos, internos (Noviciado) e teológicos. O começo foi desafiador: as aulas presenciais já haviam iniciado e de maneira rápida, foi necessário que se pensasse em meios para que o conhecimento chegasse até os seminários. O sistema remoto foi uma novidade tanto para os seminaristas como também para os professores e instituições. De nossas casas, seminários, participamos das aulas, cursos, assessorias, formações propostas. Repensar a forma de conviver e de realizar as atividades acadêmicas exigiu de todos um empenho ainda maior. Foi tempo de descobertas!

A expectativa de um possível retorno esteve presente em nosso meio por dois anos. As instituições em que cursamos Filosofia e Teologia, os encontros promovidos pela CRB: Postulinter e Novinter que aconteciam de modo

presencial, desejavam esse possível retorno, mas, desafortunadamente, os casos e as mortes em nosso país aumentavam significativamente, impossibilitando esse retorno entre 2020-2021.

Neste ano de 2022, com o avanço da vacinação em nosso país, com a queda significativa dos casos de contaminação e das internações por conta da COVID-19, retornamos ao modo presencial. Neste momento, não só um sentimento de alegria brotava em nosso interior; ela era acompanhada também do medo de uma possível contaminação, de como se daria esse retorno, de como poderíamos corresponder depois de um período em regime remoto.

Inquestionavelmente, retornar ao modo presencial está sendo um caminho de descobertas. Como têm sido positivo as aulas presenciais, as reflexões, as possibilidades dos cursos, dos encontros do postulinter e novinters e oficinas de modo presencial. Como é enriquecedor estarmos juntos, congregados. O aproveitamento das aulas, dos conteúdos, dos debates saudáveis em sala, dos seminários e trabalhos que compartilhamos a cada dia. A formação acadêmica que a Congregação da Missão nos propicia, por meio de nossa Província, é um dos pilares e eixos da formação inicial de cada seminarista. Formação esta que é um convite a cada jovem que se lança no itinerário vocacional a conhecer-se e formar-se.

No decorrer de nossos cursos, fazendo nossa síntese pessoal, vamos percebendo que a nossa formação intelectual nos conduz a uma profunda humanização e à configuração de nossa vida a Cristo Evangelizador dos Pobres. Certa vez, o Pe. Guillot levou os estudantes, prestes a começar o curso de Filosofia, para ter uma conversa com o Padre Vicente de Paulo. São Vicente lhes recomendou que estudassem naquele espírito desejado por Nosso Senhor, para melhor servir a Deus e ser mais útil ao próximo. E acrescentou: “que a Filosofia que ides aprender vos sirva para mais amar e servir a Deus, para vos elevar até a ele, pelo amor. Que os vossos conhecimentos sirvam não para inchar o coração, mas para melhor servir a Deus e



Foto: enviada por Leonardo Almeida

Seminarista da teologia junto aos colegas da FAJE no retorno das aulas presenciais

e sua Igreja”. (SV XI, 191).

Que este tempo de formação inicial movimente em nós esse profundo desejo de conhecer mais para servir melhor, prolongando posteriormente como Missionários Vicentinos, na formação permanente. Que guardemos em nosso coração o conselho de nosso Pai e fundador São Vicente de Paulo: “Que o orgulho não se apodere do vosso coração, pelo desejo de aparecer, de ser estimado, de ter bom êxito”. (SV XI, 191).

Que a formação intelectual não nos torne homens soberbos, orgulhosos, mas que todo o conhecimento co-

lhido ao longo dos anos de formação inicial desperte em nós o desejo de transmitir todo conhecimento obtido em uma comunicação simples a todos que encontrarmos, em especial aos mais pobres.

Que o caminho intelectual nos torne homens de sensibilidade atenta, sem a busca por discursos bonitos e elaborados, mas para um encontro e ação ativa e efetiva aos mais pobres, razão de nossa destinação e consagração vicentina.

Que São Vicente de Paulo interceda por todos nós!

Abaixo, os testemunhos dos Seminaristas de cada etapa:

- O retorno às aulas presenciais suscitou uma sensação de fim da pandemia. Porém, sabendo que ela ainda estava e está presente. Em contrapartida, essa sensação faz-nos enxergar a vida de forma mais leve, deu para suprir um pouco do afeto das outras pessoas, tão escasso no ápice pandêmico. Contudo, a nova normalidade ainda é desafiadora, o uso de máscaras ainda promove uma distância nas relações; entretanto, só o fato de ter retornado às aulas presenciais já deu um ânimo novo. **(Sem. Gabriel e Sem. Hugo - Filosofia)**
- Neste ano de 2022, o Seminário Interno Interprovincial Internacional São João Gabriel Perboyre retoma as suas atividades de maneira presencial. Estamos fazendo a experiência de colaborar na Paróquia Pai Misericordioso, como também de formações internas nas quais recebemos diversos coirmãos e demais pessoas que trabalham por meio das assessorias um tema predeterminado e contundente para a formação do missionário vicentino. Neste ano, estamos participando de maneira integral de formações específicas para a vida consagrada no Novinter, promovidos pela CRB-MG. A experiência do Novinter tem sido rica e frutuosa. **(Icson Gentek, CM - Seminário Interno)**
- O retorno às aulas presenciais neste ano de 2022 foi uma novidade, mesmo sendo o último ano de Teologia. Aliás, uma turma que não se conheceu presencialmente a não ser neste último ano. Os sentimentos se misturam: à expectativa da novidade do primeiro dia de aula com o cansaço do último ano provindo das aulas remotas do sistema remoto. É um ano atípico, que a meu ver requer: calma, paciência e vigilância com os acontecimentos vindouros. As partes boas do retorno são os reencontros com antigos colegas, conhecidos anteriormente a pandemia e a partilha do conhecimento em cada aula, que muito enriquece nesta etapa final dos estudos. **(Fábio José, CM - Teologia)■**

Pe. Denílson Matias, CM

Juventudes, metaverso e vocação

Obras audiovisuais e literárias ajudam a entender realidade simulada e suas implicações

As juventudes atuais se expressam de modos diferentes, de modos não estáticos e convencionais, configuram-se mudanças constantes de comportamentos, de gostos e de costumes, tudo isso numa rapidez nunca vista antes. A Pastoral Vocacional, feita antes artesanalmente por meio de relações que incluíam o face-a-face, tende hoje a ser repensada metodologicamente diante das novas linguagens e dos novos modos de relação-comunicação que compõem a era dos nativos digitais. Já estamos no metaverso e não há volta atrás. Consequentemente, readequar o Serviço da Animação Vocacional, para que a linguagem da fé seja minimamente compreendida pelas novas juventudes é uma missão exigente, atual e necessária.

Em primeiro lugar, do que se trata essa palavra recorrente nos últimos tempos? O termo “metaverso” se origina na literatura, no cinema e nos jogos (PASE, 2021). O vocábulo metaverso foi utilizado pela primeira vez na obra *“Snow Crash”* (1992), de Neal Town Stephenson. Ademais das obras de ficção com ênfase em ciberespaços, o cinema de ficção científica também tem se dedicado a filmes com temáticas sobre o metaverso. Um desses filmes conhecidos sobre o metaverso é *“Matrix”* (*The Matrix*), de 1999, que desenvolve sua trama numa realidade simulada por meio de um combate entre homens e máquinas. Há outros filmes cujos enredos têm como base principal o metaverso e podem, de certo modo, ajudar a entender a realidade simulada e as suas implicações no mundo real: *Congresso Futurista* (2013), *Jogador nº1* (2018), *Avatar* (2009), entre outros. Por metaverso, pode-se entender:

“[...] uma ideia de um universo digital compartilhado na nuvem, mesclando os elementos fisicamente presentes, por Realidade Aumentada, com espaços virtuais. Trata-se de algo distinto da Realidade Aumentada, no sentido que opera em camadas incrementais ao mundo físico” (ZANATTA, 2021, p. 4).

Segundo Zanatta, torna-se mais fácil compreender a ideia de metaverso a partir das suas consequências práticas na vida humana, ou seja, o modo como passamos a nos relacionar com o virtual, manipulando-o, reunindo-nos sem a presença física, lidando com questões financeiras (ZANATTA, 2022, p. 6), enfim, aderindo a uma mo-

dalidade de vida e, portanto, de relação, que supera o convencional.

Mais que trazer à reflexão uma discussão sobre as redes sociais e os processos técnicos do ciberespaço, interessa-nos compreender o metaverso como: “um terreno fértil para as realidades paralelas, virtuais, aumentadas, filtradas, turbinadas, instagrameadas e ambigualmente falsas, de um modo geral” (SIBILIA, 2022, p. 18). É assim que se desenvolvem os novos ecossistemas de relações no presente, devido a rapidez das evoluções técnico-científicas, englobando também a evolução da Internet, não há como dar um passo atrás.

Uma vez que o metaverso se torna um novo areópago para as relações interpessoais virtualizadas, os animadores e as animadoras vocacionais precisam entrar nesse mundo novo para aprenderem essa nova linguagem. De outro modo, a acessibilidade aos vocacionados e às vocacionadas será cada vez mais difícil. O primeiro passo que se necessita ter em mente é que o metaverso, apesar de falsear a realidade concreta, pode ser utilizado como um espaço onde as questões de fé devem abordadas. Desconstruir o preconceito em relação ao virtual é uma tarefa imprescindível se ainda quisermos que nossa mensagem alcance os mais novos.

Surge hoje, no ambiente católico, um número considerável de gurus da fé. Trata-se de pessoas tradicionalistas e ultraconservadoras. Alguns e algumas, na maioria das vezes, não possuem conteúdos bem fundamentados ou só transmitem mensagens parciais que os favorecem. Esses gurus, clérigos, religiosos, religiosas e um percentual expressivo de leigos, têm ditado as regras da fé, muito a seu modo, aos vocacionados e vocacionadas, aos formandos e formandas. Sua voz e sua presença virtual podem ser muito mais marcantes do que a voz e a presença física dos animadores e das animadoras vocacionais e dos copos docentes da formação, enfim, eles encontraram um espaço no qual a sua palavra se faz verdade. Talvez porque tenham aprendido a linguagem do metaverso e com isso tenham conseguido ser entendidos pelos jovens.



O personagem Neo, da trilogia Matrix, veste trajes que lembram a batina de um padre.

Esse cenário complexo nos desafia a entrar no metaverso, a entrar debates que sejam compreendidos pelos jovens, a abrir novos espaços para que os nossos carismas sejam comunicados e a utilizar dos seus recursos para que o núcleo fundamental da nossa fé seja transmitido a partir da fidelidade ao Evangelho. Isso não o sig-

Imagem: Divulgação

nifica abolir o tradicional e o artesanal da mensagem cristã, significa é que não podemos perder tempo diante de um novo modo de relação-comunicação que já está aí. Ir para águas mais profundas se torna um convite a explorar esses novos lugares onde há jovens que também têm sede de Deus.

A garantia de uma boa pesca está em pescadores e pescadoras bem preparados, munidos das ferramentas necessárias para adentrar em determinados tipos de águas. Metaforicamente, esse oceano recém-descoberto, o metaverso, é um lugar a ser vocacionalizado. Há muitos jovens que não têm interações maiores que não sejam no virtual, inclusive quando se trata do aspecto da fé, do seu ser Igreja. Por que não despertá-los para outras possibilidades de vida? Os jovens não sumiram, somos nós que por medo, ou por preconceitos em relação ao seu estilo de vida, não vamos até eles. O metaverso é, sem dúvidas, um passo a mais no modo de vida humano. Foi intensamente evidenciado no contexto da pandemia da COVID-19 e pode ser, para nós, um lugar favorável de trabalho com as juventudes. ■

Para aprender mais, segue uma referência de leitura *on-line* sobre o metaverso:

Metaverso, a experiência humana sob outros horizontes (Instituto Humanitas Unisinos): <https://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/550>

Pe. Luiz Roberto Lemos do Prado, CM

Quarenta anos da gravação da Missa dos Quilombos

Em 1982, foi gravada, no Caraça, a missa idealizada por Dom Pedro Casaldáliga e Pedro Tierra, com a participação de Milton Nascimento

Antecedentes históricos:

A Missa da Terra Sem Males, em defesa da causa indígena, foi projetada entre 1978 e 1979. Portanto, antecede à Missa dos Quilombos. O motivo desta decisão foi que, em 1978, celebrava-se no Brasil o Ano dos Mártires da Causa Indígena. O bispo D. Pedro Casaldáliga e o leigo Pedro Tierra, cujo nome é Hamilton Pereira da Silva, encarregaram-se de construir o texto da Missa da Terra Sem Males, e o músico argentino Martín Coplas, descendente do povo quéchua/aymara encarregou-se da musicalidade. Assim, surgiu a Missa da Terra Sem Males, que contempla os povos indígenas de toda a América Latina, diante das contradições históricas do processo evangelizador da Igreja Católica, através do método da conquista. Essa missa foi celebrada na Catedral da Sé, na cidade de São Paulo, em 22 de abril de 1979, na presença de 40 bispos da América Latina, presidida por D. Paulo Evaristo Arns, e dentre os bispos presentes, estavam D. Pedro Casaldáliga e D. Helder Câmara.

Diante da boa aceitação, sobretudo por parte dos bispos, surgiu a ideia, provinda de D. Helder Câmara, de se construir também uma Missa em torno da causa do povo negro. Simpático a esta ideia, D. Pedro Casaldáliga, juntamente com Hamilton Pereira da Silva (Pedro Tierra), assumiram a construção do texto, e convidaram o cantor e compositor mineiro Milton Nascimento para encarregar-se de construir os arranjos musicais e as melodias. Deste trabalho profundamente profético surgiu a Missa dos Quilombos.

Missa dos Quilombos em Recife (22 de novembro de 1981) – Homenagem a Zumbi dos Palmares.

Construída a Missa dos Quilombos, com profunda maestria pelas equipes já mencionadas, a mesma foi projetada e celebrada em Recife, em homenagem ao martírio de Zumbi dos Palmares, assassinado em 1695, após a destruição do Quilombo de Palmares, em Alagoas, pelos bandeirantes e exposta sua cabeça na Praça do Carmo, justamente o lugar escolhido para esta celebração profética, ocorrida no dia 22 de novembro de 1981. Tudo muito bem organizado, causou muito impacto positivo no público de fiéis que ali estavam concelebrando, em torno de

8 mil pessoas, desde o canto de entrada, que indicava de onde o povo negro vinha historicamente chegando: cantando, gingando, lutando, sonhando, acompanhado com a maestria do toque dos tambores. Vejamos a letra:

“Estamos chegando do fundo da terra,/ estamos chegando do ventre da noite,/ da carne do açoite nós somos,/ viemos lembrar.

Estamos chegando da morte nos mares,/ estamos chegando dos turvos porões,/ herdeiros do banzo nós somos,/ viemos chorar.

Estamos chegando dos pretos rosários,/ estamos chegando dos nossos terreiros,/ dos santos malditos nós somos,/ viemos rezar.

Estamos chegando do chão da oficina,/ estamos chegando do som e das formas,/ da arte negada que somos, viemos criar.

Estamos chegando do fundo do medo,/ estamos chegando das surdas correntes,/ um longo lamento nós somos,/ viemos louvar.

(A de Ó)

Estamos chegando dos ricos fogões,/ estamos chegando dos pobres bordéis,/ da carne vendida nós somos,/ viemos amar.

Estamos chegando das velhas senzalas,/ estamos chegando das novas favelas,/ das margens do mundo nós somos,/ viemos dançar.

Estamos chegando dos trens dos subúrbios,/ estamos chegando nos loucos pingentes,/ com a vida entre os dentes chegamos,/ viemos cantar.

Estamos chegando dos grandes estádios,/ estamos chegando da escola de samba,/ sambando a revolta chegamos,/ viemos gingar.

(A de Ó)

Estamos chegando do ventre das Minas,/ estamos chegando dos tristes mocambos,/ dos gritos calados nós somos,/ viemos cobrar.

Estamos chegando da cruz dos Engenhos,/ estamos sanando a cruz do Batismo,/ marcados a ferro nós fomos,/ viemos gritar.

Estamos chegando do alto dos morros,/ estamos chegando da Lei da Baixada,/ das covas sem nome chegamos,/ viemos clamar.

Estamos chegando do chão dos Palmares,/ estamos chegando do som dos tambores,/ dos Novos Palmares nós somos, viemos lutar.”

Dentre os bispos ali presentes nesta Missa, estavam D. Pedro Casaldáliga, D. Helder Câmara e D. José Maria Pires. Este último foi o presidente da celebração. Na sua homilia, ele fez uma profunda avaliação teológica da postura da Igreja durante a escravidão sistêmica dos negros no Brasil e na América Latina, como podemos ver em alguns trechos:

“Pretos, meus irmãos, estamos presenciando, hoje e aqui, os sinais de uma nova aurora que vem despertar para a Igreja de Jesus Cristo. No passado, ela não se mostrou suficientemente solidária com a causa dos escravos. Não condenou a escravidão do negro, não denunciou as torturas, não amaldiçoou o pelourinho, não abençoou os quilombos, não excomungou os exércitos que se organizaram para combatê-los e destruí-los. A Igreja não estava com os negros, e hoje parece que começa a estar. Começa a nos querer bem, a respeitar nossa cultura e não tratá-la mais como grosseira superstição. A Igreja começa a ficar do nosso lado e a nos ajudar a ressuscitar a nossa memória histórica, a incentivar a nossa organização. Houvesse a Igreja da época marcado presença mais nas senzalas do que na casa-grande, mais nos quilombos do que nas cortes, outros teriam sido os rumos da história do Brasil desde os seus primórdios, outra teria sido a contribuição do negro ao nosso desenvolvimento”; mais adiante ele faz uma crítica à teologia aplicada para justificar o sofrimento do povo negro diante da dureza da escravidão a ele imposta: *“com a teoria do mal que vem para o bem: se os negros perdiam a liberdade do corpo, em compensação, ganhavam a da alma e se incorporavam à civilização cristã abandonando o paganismo. Bela teologia!!!”*

D. José Maria Pires, Arcebispo da Paraíba, nesta época era um dos poucos bispos negros no Brasil; até este momento ele era intitulado de D. Pelé. A partir da Missa dos Quilombos ele passa a se intitular D. Zumbi, em homenagem a essa grande liderança histórica em prol do povo negro no Brasil.

Dom Helder Câmara, no momento da Invocação à Mariama, profere um profético poema, análogo ao Cântico de Maria na Bíblia (o Magnificat). Vejamos o texto:

“Mariama, Nossa Senhora, mãe de Cristo e Mãe dos homens!

Mariama, Mãe dos homens de todas as raças, de todas as cores, de todos os cantos da Terra.

Pede ao teu Filho que esta festa não termine aqui, a marcha final vai ser linda de viver.

Mas é importante, Mariama, que a Igreja de teu Filho não fique em palavra, não fique em aplauso.

Não basta pedir perdão pelos erros de ontem. É preciso acertar o passo de hoje sem ligar ao que disserem.

Claro que dirão, Mariama, que é política, que é subversão. É Evangelho de Cristo, Mariama.

Claro que seremos intolerados.

Mariama, Mãe querida, problema de negro acaba se ligando com todos os grandes problemas humanos.

Com todos os absurdos contra a humanidade, com todas as injustiças e opressões.

Mariama, que se acabe, mas se acabe mesmo a maldita fabricação de armas. O mundo precisa fabricar é Paz.

Basta de injustiça!

Basta de uns sem saber o que fazer com tanta terra e milhões sem um palmo de terra onde morar.

Basta de alguns tendo que vomitar para comer mais e 50 milhões morrendo de fome num só ano.

Basta de uns com empresas se derramando pelo mundo todo e milhões sem um canto onde ganhar o pão de cada dia.

Mariama, Senhora Nossa, Mãe querida, nem precisa ir tão longe, como no teu hino. Nem precisa que os ricos saiam de mãos vazias e os pobres de mãos cheias. Nem pobre nem rico.

Nada de escravo de hoje ser senhor de escravo de amanhã. Basta de escravos. Um mundo sem senhor e sem escravos. Um mundo de irmãos.

De irmãos não só de nome e de mentira. De irmãos de verdade, Mariama”. >>>





Dom Pedro Casaldáliga, Pedro Tierra e Milton Nascimento nos ensaios da Missa dos Quilombos, 1982

Reações diante da Missa dos Quilombos:

Claro que diante de uma missa corajosa e profética dessas, o que não era costume na Igreja, houveram múltiplas reações: umas positivas, outras negativas, outras de espanto, outras de assumir os desafios na direção das causas sociais.

Dentre as diversas reações, tivemos a reação do Vaticano e da ala conservadora da Igreja. A grita dos contestadores foi ouvida no Vaticano e, em julho de 1982, a imprensa nacional repercutia uma carta enviada pela Congregação do Culto Divino da Santa Sé à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) impondo proibição às missas da Terra Sem Males, dos Quilombos e da Esperança, que seria um pedido de perdão às mulheres pela opressão histórica; porém, esta Missa nem chegou a ser projetada. O noticiário nacional ocupou manchetes com padres e bispos concordando ou discordando.

Portanto, ainda temos o desafio em desenvolver a *Missa da Esperança*, em solidariedade às mulheres, que continuam bastante invisibilizadas na Igreja perante os cargos de decisão que continuam por demais masculinizados e embranquecidos, e na busca de seu merecido empoderamento, o que, na sociedade civil, já tem avançado bastante. Nesse ponto, a Igreja está muito atrasada...

As coisas se apaziguaram mais com o acontecimento da Assembléia Latino-Americana dos Bispos, em Santo Domingo, no ano de 1992. A temática tratada na mesma foi a Inculturação do Evangelho no mundo dos pobres. Mas isso, as Missas da Terra Sem Males e dos Quilombos já haviam antecipado, com grande vigor profético. Também estas duas Missas animaram a criação de vários movimentos sociais em torno de tais causas e até mesmo dentro da Igreja como a Associação de Padres, Bispos e Diáconos Negros (IMA) e o GRENI (Grupo de Religiosos Negros e Indígenas).

Gravação oficial da Missa dos Quilombos:

A história continua motivada e impulsionada pela primeira celebração da Missa dos Quilombos, em Recife, em 1981. Milton Nascimento grava um álbum importante na luta antirracista, lançado em 1982. O disco reforça a identidade negra brasileira e traz uma mistura de gêneros da música e da dança popular.

Há 40 anos, Milton Nascimento lançava um disco emblemático, com potencial de questionar a sociedade e reforçar a presença da identidade negra na formação brasileira. O álbum “Missa dos Quilombos”, realizado em parceria com o religioso Dom Pedro Casaldáliga e o poeta Pedro Tierra, nasceu de uma celebração do dia 22 de novembro de 1981, quando ocorreu a primeira Missa dos Quilombos, em homenagem a Zumbi dos Palmares.

A produção, gravada ao vivo na Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens, no Caraça, município de Catas Altas, Minas Gerais, foi inovadora ao realizar o registro de uma missa afro-brasileira, utilizando na sonoridade gêneros como o maracatu, baião, folguedos, maculelê, samba, afoxé e ijexá. O repertório, formado por 11 faixas, aborda temas como a religiosidade e a escravidão, e enaltece a potência cultural negra. Na reedição do álbum em CD, em 1995, apareceriam as canções Pai Grande, de autoria do próprio Milton, e Raça, cuja letra foi escrita por Fernando Brant.

A partir dos anos 2000, a Missa dos Quilombos vai para além dos altares e transforma-se também em peça teatral ocupando os palcos, e passa a ser divulgada em várias cidades do país, tendo como ponta pé inicial os arcos da Lapa, na cidade do Rio de Janeiro.

Proposta de celebração dos 40 anos da gravação da Missa dos Quilombos no Caraça, para a PBCM:

Diante de uma história tão significativa e relevante como essa, da Missa dos Quilombos, para a sociedade brasileira, que etnicamente falando, abrange basicamente 54% da sua população como afro-descendente, pensemos na possibilidade de celebrar no Caraça este aniversário dos 40 anos da gravação oficial da Missa dos Quilombos, no próximo dia 20 de Novembro. Para isso acontecer, precisamos reunir o máximo de grupos de Consciência Negra e apoiadores de tal causa, que atingimos, com nosso trabalho pastoral, e iniciar um trabalho de preparação nesta direção. Vamos pensando nesta modesta provocação? Axé!!!■



Representantes e coordenadores dos SAVVs reunidos no Rio de Janeiro

Ir. Allan Júnio Ferreira, CM

9º Interprovincial do SAVV

Filhas da Caridade do Rio de Janeiro acolhem encontro que contou com diversos ramos

O 9º Encontro Interprovincial do Serviço de Animação Vocacional Vicentino – SAVV aconteceu entre os dias 16 e 19 de Junho na casa provincial das Filhas da Caridade, do Rio de Janeiro. O encontro teve como tema “Criando uma Cultura Vocacional no meio das Juventudes” e lema: “Saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo” (EG, 49).

Grande foi a espera pelo 9º Interprovincial, pois devido a pandemia, o evento que aconteceria em 2020 foi adiado para este ano. O último encontro ocorreu em Curitiba no ano de 2017, com isso aumentavam as expectativas de que seria muito enriquecedor e produtivo, o que de fato aconteceu. O encontro contou com a participação das seis províncias das FC, das províncias de Fortaleza e Rio de Janeiro da Congregação da Missão, Fráteres da Misericórdia e Irmãs Vicentinas de Gysegem.

As assessorias ficaram a cargo da Irmã Gislene, FDZ, que trabalhou o tema: “Mosaico das Juventudes”, abordando a importância da pluralidade juvenil, suas cores e desafios. O Pe. Geraldo Tadeu, RCJ, abordou o tema do “Ministério do Animador Vocacional”, convidando a todos os presentes a perceber que o SAVV é muito mais que uma pastoral, mas uma verdadeira escola de sensibilidade e humanidade. O Carlos Eduardo Cardozo (Cadu) trabalhou a cultura vocacional e levantou a seguinte questão: “Será que todos os membros dos nossos Institutos se sentem animadores vocacionais?” A corresponsabilidade pelo serviço vocacional deve criar uma cultura vocacional em nossas casas religiosas.

O encontro ainda contou com espaços de trabalhos em grupo para refletir e elaborar os novos apelos que nor-

tearão os trabalhos do SAVV pelos próximos três anos. Eis os apelos que foram aprovados pela assembleia:

1. Cultivar comunidades afetivas e acolhedoras a partir de uma escuta atenta, sensível e corresponsável, abrindo-se às dimensões humana, cristã e vicentina, para um trabalho integrado frente às novas expressões juvenis.
2. Potencializar a cultura vocacional a partir das relações em nossas comunidades locais, como família vicentina e em outros níveis eclesiais, proporcionando espaços de formação e de convivência vocacional
3. Sair ao encontro das juventudes, enraizados na fé, dialogando com suas linguagens a partir do querigma e do testemunho na vivência autêntica do Carisma Vicentino.
4. Assumir uma identidade de animadores vocacionais como ministério amplo, fortalecendo a mística do chamado, buscando o autoconhecimento à luz da cultura do cuidado.
5. Integrar profissionais interdisciplinares à equipe de animação vocacional a fim de contribuir na compreensão das novas demandas juvenis e das vocações adultas, no acompanhamento e no processo de discernimento vocacional.

Ao final do encontro, aconteceu a missa de encerramento presidida pelo Pe. Vandeir, CM, e os presentes foram enviados para a missão junto à suas comunidades com a tarefa de dinamizarem o serviço vocacional a partir dos novos apelos. O 10º Encontro Interprovincial do SAVV acontecerá na Província de Recife (FC), em 2025. ■

José Pedro Araújo Silva*

O Incêndio do Caraça, uma versão fictícia

Prólogo

Apelidemos de conto “O incêndio do Caraça”. Trata-se de uma narrativa imaginária. De ficção. Recorda a fatídica noite em que o fogo destruiu um dos prédios do Colégio/Seminário do Caraça, que teve destacada atuação dos padres lazaristas na educação de gerações e gerações de Minas Gerais. A explanação concentra-se na invisível participação, no sinistro, do Gigante do Caraça, assim chamada a montanha que tem o perfil de uma cara, uma cara grande, uma caraça. Esse gigante é epitetado de Mégalon e teve a sua estória inventada e editada com o título: “O Gigante das Minas Gerais”. Ao completar 54 anos do ocorrido (1968-2022), oferecemos à leitura e agradecemos a paciente deferência do Leitor. Vitória, 21/05/2022 José Pedro A. Silva

O Incêndio do Caraça, uma versão fictícia

A madrugada caía fria. O céu parecia afastado, mais longe que nos dias habituais. As estrelas, sem brilho ou sem o luzir de seu pisca-pisca, escondiam-se acima das nuvens que, por sua vez, em chumaços esgarçados, algo doavam as montanhas, e a névoa cortinava toda a terra.

O vento fino e rápido esfriava a região. Se houvesse viva alma perambulando por aquelas paragens, a sensação seria de um frio a congelar até os ossos. As águas das montanhas, dos rios e até dos riachos, que embebiam as orlas a animar o coaxar dos sapos, rolavam com mais cuidado. Os tanques, as lagoas, as piscinas naturais tinham sobre si uma manta branca como um espelho de gelo. Diferente de tudo, o Poço do Diabo, na Cascatinha, fervilhava. O Cramulhão estaria por perto?

A terra estava permeada de quietude, embora tudo por ali estivesse acostumado ao silêncio, à solidão, à santidade, pois se buscava na espiritualidade a paz a mover a alma até o céu. Incrustada numa bacia cercada de montanhas, estava a igreja, o santuário de Nossa Senhora Mãe dos Homens, guardado por ambos os lados por casarões oitocentistas a aconchegar os seminaristas em profundo sono no terceiro andar do prédio. Nada se ouvia. Até o relógio, que fatiava o tempo com pancadas a cada quarto de hora, parecia congelado. Aquela noite era uma terça-feira - 28 de maio de 1968. Ainda outono, mas já o inverno naquelas plagas anunciava a sua chegada. A lua era de quarto crescente, propícia a inovações, a criatividade, a mudanças, a correção de erros, a momentos de agitação. E, nessa fase entre outono e inverno, período de seca, os incêndios são mais frequentes, sejam naturais, florestais

ou intencionais, um verdadeiro desastre para a fauna e a flora.

A noite era de frio e pavor. A natureza, sempre exuberante, formada de mata atlântica e cerrado, mantinha-se como quê uma espessa massa escura, impenetrável. Nada de bosques. Nada de trilhas. Ave alguma piava. Loboguarás pareciam ter fugido de seu hábitat e, assim, todos os demais animais. As montanhas, que são tidas como anteparo da bacia caracense, estavam totalmente cobertas pela névoa, como a Carapuça, o Beijo do Diabo, a Canjerana, o Inficionado, o Pico do Sol. Em suas entranhas, havia algo inquietante. Podia-se perceber um farfalhar de asas como se fosse uma misteriosa coorte, só aceitável na época em que Mégalon aterrissou na Terra em formação. Os invisíveis confrades de antigamente teriam reaparecido nas ondas do tempo? Tudo mistério! Havia um concerto de expectativas.

Mégalon, o gigante adormecido, se mantinha petreamente embalsamado no seu jazigo de montanha com o perfil fixo no céu. Sempre dava a impressão de imperturbável, de insensível. Ali permanecia “como um desígnio misterioso e insondável. Continuará ali seduzido pela morte.” Ficou “atento para verificar o andar enigmático da raça humana, fiel depositária de sua obra”. Nunca abdicou de ser guardião das suas terras caracenses. De soslaio, por meio de imperceptíveis sensores, tudo fiscalizava. Nesta condição, mantinha superpoderes de um extraterrestre, que simplesmente ficou encantado. Na noite em curso, Mégalon, o gigante, deu um inexplicável cochilo.

Foi quando se ouviu, naquele momento, um misterioso grito. Um grito lancinante desmanchando todo o silêncio da região. O Gigante do Caraça despertou. Espalhou todas as nuvens friorentas que insistiam em lhe tolher a visão. Imediatamente, ordenou que as falanges voadoras, aquarteladas nas profundezas das montanhas, fizessem uma ronda geral, a fim de averiguar o que acontecia e, se fosse o caso, agissem prontamente.

De imediato, constataram que uma grossa fumaça negra, sorradeira e tóxica escapava por debaixo da porta da Encadernadora do Seminário e começava a invadir o corredor do edifício. Um dos secretos falangistas foi até a enfermaria acordou um dos jovens pacientes e o fez subir as escadas até o terceiro andar para avisar ao padre disciplinário o início do incêndio. Ainda que na dúvida de ser o estudante sonâmbulo, todos os alunos foram pacientemente alertados. A esta altura, os misteriosos confrades de Mégalon sensibilizavam, sutil e ocultamente, padres e irmãos coadjuvadores para a tomada de providências. Os sinos do Santuário endoideceram. O comandante da fa-



lance invisível, em contato com o Mégalon, o qual tem o poder da premonição, foi informado que estava predestinado a que o fogo devesse avançar, mas coordenasse na defesa de vidas, de parte do patrimônio e do que fosse possível salvar. Ordem dada, ordem recebida. O plano era isolar o fogo para não se dirigir para o lado da Biblioteca, pois, entre esta e a Encadernação, só havia uma passagem que também levava para a escada de madeira que conduzia para o segundo andar e dormitórios. Se tal acontecesse, seria um Deus nos acuda e haveria o perigo de pegar fogo em todo complexo e a destruição do santuário seria imperdoável.

O enigmático esquadrão do Gigante se postou entre a Encadernadora e a Biblioteca. Fez uma barreira de isolamento, abrindo as asas e valendo-se do próprio corpo e de apetrechos militares, o que impediu que o incêndio alcançasse de imediato aquele recinto. Deu tempo para que todos os alunos escapassem do prédio em chamas e que já havia atingido o lado contrário à Biblioteca. O fogo se alastrou pela sala de encadernação, rouparia, enfermaria, gabinete dentário, farmácia, sala de química e física, museu de história natural no andar térreo, e já atingia o teatro no segundo andar e as labaredas lambiam o outro salão de estudos e, no terceiro andar, os dormitórios. As salas de aulas, biblioteca no térreo logo, logo, compunham a paisagem de um esqueleto de prédio calcinado.

Ora, graças aos misteriosos e invisíveis Confrades, a equipe aérea de Mégalon, o nosso Gigantão, os padres, os irmãos coadjutores, estudantes e demais habitantes se tornaram em verdadeiros heróis. Enquanto o incêndio era desviado e se propagava para o lado oposto à Biblioteca, as telas das janelas eram arrebentadas, o telhado da sacristia isolado a machadadas para o fogo não atingir a igreja. Os alunos retiravam livros e mais livros da Biblioteca sob o comando controlado do padre disciplinário, para que

não houvesse vítimas. E não houve. Salvaram-se 15.000 volumes dos mais de 50.000 existentes, inclusive obras raras e importantíssimas. Àquela altura dos acontecimentos, havia uma comoção geral e a tristeza abateu sobre o coração dos caracenses. Tantas foram as lágrimas que, se tivessem o poder de apagar fogo, o incêndio não prosperaria.

Lamentavelmente, a desesperança despontou trágica, quando se constatou que os Bombeiros de Belo Horizonte não chegariam a tempo de salvar o Caraça. Chegaram para fazer o rescaldo do incêndio. Por sua vez, Mégalon ordenou o retorno de seus pupilos à base. Antes, porém, determinou uma vistoria no "Poço do Diabo". Tudo normal. Ainda bem, a paz, embora coabitasse com a tristeza, voltou a reinar sob a proteção divina e de Nossa Senhora Mãe dos Homens.

Mégalon, no entanto, se sentiu culpado pela fatalidade. Isto porque, embora soubesse pela premonição o que iria acontecer, "ele nunca teve a noção exata do tempo dos humanos. Sempre foi assim, era de seu temperamento, uma vez que não estava habituado a quantificar o tempo". Vale dizer: ele sabia do incêndio, mas não sabia a data do trágico acontecimento. No Caraça, foi feito o levantamento dos presentes e se notou a ausência de alguém. Não se revelou se era aluno, ou habitante, ou algum hóspede. Por que seria? Será que era o incendiário? O assunto foi mantido em segredo para não aumentar a inquietude reinante. Decidiu-se pelo imediato fechamento do Seminário/Colégio. À medida que as pessoas, inclusive os alunos, iam regressando às suas casas, foi feita nova checagem e todos estavam presentes. Mégalon, por sua vez, se pacificou na sua tumba mortuária. Vá ao Caraça, Leitor Amigo. Visite-o. Quem sabe você descobrirá o mistério do Gigante do Caraça, o Gigante das Minas Gerais! ■

Missões Populares

Depois da semana quaresmal e da colaboração na Semana Santa, em Piracema (MG), há previsão das Missões de janeiro de 2023 acontecerem nesta mesma paróquia de Piracema; Em preparação para a festa de sua Padroeira, foi realizada uma jornada missionária (1 a 12 de maio) na Paróquia N.S. de Fátima (Contagem-MG), contando sobretudo com a colaboração de missionários leigos: visitas às famílias, atendimento aos doentes, celebrações e encontros nas comunidades. Ainda em 2022, acontecerão jornadas missionárias no Paulo VI (julho) e em Piracema (agosto) e a formação dos missionários (para melhor capacitar e renovar o grupo dos missionários leigos, pois muitos já apresentam alguns limites de idade); Para o próximo ano, há uma proposta de realização das Missões em Serra do Ramalho (BA), com várias atividades ao longo do ano.

**Instituto São Vicente de Paulo**

Neste ano, o “Trevo” completa 45 anos como seminário. Tudo começou em 1977, quando um grupo de seminaristas transferidos do Instituto Bom Jesus (Aparecida/SP), tiveram a orientação do Pe. Lauro Palú, CM. Nestes anos, foram acolhidos seminaristas da PBCM e alguns diocesanos; alguns fizeram o curso de Teologia, mas a grande maioria cursava a etapa de Filosofia e Propedêutico. Mais de 250 seminaristas ao longo de 45 anos, sendo que 63 fizeram os votos na Congregação da Missão; uns 15 foram ordenados padres diocesanos ou entraram em outra congregação. Dos incorporados na CM, cinco já faleceram; 15 deixaram a vida consagrada vicentina ou passaram para o clero diocesano. Louvado seja Deus pelos frutos desta casa de formação, e não faltem as bênçãos divinas para que aí se colham muitos frutos para o serviço da missão e da caridade!

Família Vicentina - Rio

Com a suavização da pandemia, pôde ser realizado o 16º Encontro da FV-Rio, no Colégio São Vicente, pelo Regional Rio de Janeiro, sob animação do Pe. Agnaldo Aparecido de Paula, CM. Com mais de 200 pessoas, celebração da Eucaristia, grupos de reflexão vicentina, almoço e oficinas diversas, uma bonita confraternização e um significativo momento de formação, tudo com o enfoque de revitalização da missão vicentina em tempos de grandes desafios e ‘pós-pandemia’. Compareceram membros da FV dos seguintes ramos: MISEVI, Sociedade São Vicente de Paulo, Associação da Medalha Milagrosa, Irmãs Vicentinas de Gysegem, Companhia Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo e Congregação da Missão.

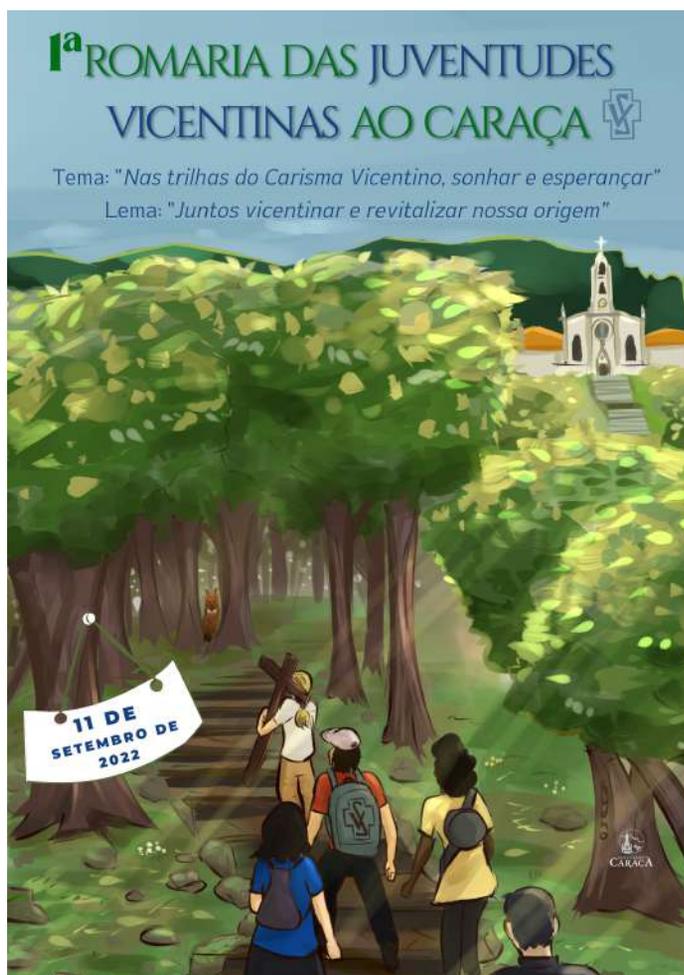
Encontro Nacional da Família Vicentina

O 16º Encontro Nacional da Família Vicentina, aconteceu entre 16 e 19 de junho de 2022, na cidade de Osasco, em São Paulo, reunindo mais de 50 pessoas, de 11 ramos da Família Vicentina do Brasil. Que Deus e São Vicente de Paulo abençoem esta grande família, para que, sempre fortalecida com novos membros, continue sua divina Missão de encontrar e servir a Deus, nos mais pobres.



A Campanha “13 Casas”

Uma iniciativa da Família Vicentina Internacional, a Campanha promove uma aliança com as pessoas sem teto e tem como objetivo melhorar e transformar as vidas de 10.000 pessoas sem teto, em todo o mundo, em 3 a 5 anos, a partir de 2018. Esta iniciativa consiste em elaborar e executar projetos em favor de famílias que vivem em situação precária, em cada um dos 156 países onde se faz presente e atuante a Família Vicentina. Enquanto não consegue articular e executar algum projeto com ramos da Família Vicentina, a PBCM tem se empenhado em levar em frente essa proposta de apoio aos pobres em vista de melhor moradia. Além de diversas ajudas ocasionais para melhoria de moradias de famílias carentes, seis famílias já tiveram suas casas construídas com o apoio financeiro da PBCM. Recentemente, os coirmãos de C. Verde, sob coordenação do Pe. Paulo José, com apoio da PBCM, já entregaram a 1ª casa para uma família carente, que vivia em situação bem precária. Já está sendo construída a 2ª casa.



1ª Romaria das Juventudes Vicentinas ao Caraça

É com imensa alegria que convidamos cada ramo jovem e seus representantes diretos para a 1ª Romaria das Juventudes Vicentinas à Serra do Caraça 2022, a ser realizado em 11 de setembro de 2022 (dia de São Gabriel Perboyre) no Santuário do Caraça-MG. A intenção deste encontro é a mais significativa possível e ressoa em nossos corações como uma resposta concreta aos apelos das juventudes vicentinas de nosso tempo. A 1ª Romaria das Juventudes Vicentinas, expressão cunhada no plural, simboliza os diversos modos expressivos de juventudes existentes no Carisma Vicentino. Após vários encontros entre os ramos com os representantes jovens da Família Vicentina, ouvindo os apelos juvenis, discernimos tomos como tema: “Nas trilhas do carisma vicentino, sonhar e esperar”, e, como lema: “Juntos vicentinar e revitalizar nossa origem”. Que este encontro fortaleça nossos laços e aproxime nossos trabalhos e ações no mundo contemporâneo junto aos Pobres através, dando um passo importante na história das Juventudes Vicentinas no Brasil. ■

De tudo, ficaram três coisas: a certeza de que ele estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo. Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sono uma ponte, da procura um encontro.

- Fernando Sabino

